

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**UMBANDISTAS E NEOPENTECOSTAIS: ENTRE
SEMELHANÇAS E DESAVENÇAS**

ALENCAR DAYRELL

ALENCAR DAYRELL

**UMBANDISTAS E NEOPENTECOSTAIS: ENTRE
SEMELHANÇAS E DESAVENÇAS**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. Ms. Ana Paula Cantelli Castro.

Uberlândia, janeiro de 2005.

DAYRELL, Alencar. (1979)

Umbandistas e Neopentecostais: entre semelhanças e desavenças.

Alencar Dayrell – Uberlândia, 2005.

73 fls.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Monografia (bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Umbanda; Neopentecostalismo; Disputa religiosa.

ALENCAR DAYRELL

**UMBANDISTAS E NEOPENTECOSTAIS: ENTRE
SEMELHANÇAS E DESAVENÇAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Prof. Ms. Leandro José Nunes

Prof^a. Ms. Maucia Vieira dos Reis

AGRADECIMENTOS

Simplesmente agradecer as pessoas que contribuíram direta, ou indiretamente, a conclusão de todo este trabalho, é muito pouco em relação ao que merecem, devido a intensa dedicação, companheirismo e comprometimento que demonstraram.

Inicialmente quero agradecer, à Prof^a Ana Paula Cantelli Castro, pelo incentivo e orientação na pesquisa, que sem duvida alguma, foram imprescindíveis.

Aos professores Leandro José Nunes e Maucia Vieira dos Reis, no interesse em participar da banca examinadora e pelas aulas durante o curso.

A Mãe Irene, ao Pai Rogério, as senhoras Betina e Ligia, pelos depoimentos sobre suas vivencias religiosas.

Aos demais professores e técnicos do curso que contribuíram para o meu desenvolvimento intelectual.

A Abadia por sempre estar ao meu lado e auxiliar-me em tudo.

A todos os amigos do curso pelos momentos de descontração e alegria.

E finalmente, a minha mãe e toda a família por tudo aquilo já fizeram em prol do meu desenvolvimento pessoal.

RESUMO

A disputa por fiéis é uma das marcas distintivas da atual realidade religiosa no Brasil. Dentro desta perspectiva, analisamos essa realidade, priorizando a relação entre umbandistas e neopentecostais, da qual se desencadeiam duas questões: uma batalha espiritual por uma espécie de mercado religioso, seguida de uma controvérsia que nos mostra como religiões que pregam doutrinas e possuem origens teológicas e costumes opostos podem, hoje, apresentar ritos e símbolos semelhantes, ou mesmo idênticos?

Para tanto, iniciamos o trabalho demonstrando as origens étnicas e teológicas de cada religião, acompanhando, ao longo do século XX, as transformações nos seus cosmos religiosos, promovidas pela necessidade de se adequarem às novas demandas e aos novos elementos constitutivos da realidade social. Todo esse caminho percorrido por ambas religiões, que vai do início do século XX (período que marca o surgimento delas no cenário nacional) até os dias atuais, determinou, em grande parte, as semelhanças que elas revelam, pois será possível perceber uma, direção comum nesse percurso.

As semelhanças entre umbanda e neopentecostalismo se fazem presentes também em alguns objetivos desses segmentos, como a solução imediata de problemas, em que elas se propõem a operar nas vidas de seus públicos fiéis. Estes públicos, por sua vez, passam a ter conotação de clientes, visto que a igreja ou o terreiro tem a sua disposição vários serviços próprios para acabar com suas aflições, sejam elas econômicas, sentimentais, profissionais etc.

Enfim, a pesquisa mostra-nos como, em Uberlândia, umbandistas e neopentecostais se portam diante de todo o cenário de troca, acusações e relações monetárias que está permeando ambas as religiões.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	6
Capítulo I:	
Oposição e semelhança	15
Origens, consolidação e desenvolvimento do cosmo umbandista	15
Desenvolvimento da doutrina neopentecostal	20
Igualdade simbólica	28
Capítulo II:	
A solução de problemas como forma de captação de fiéis	36
Capítulo III:	
“Guerra ou concorrência” Religião de consumo	47
Batalha espiritual	51
Considerações finais	67
Fontes arroladas	70
Bibliografia	72

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade brasileira contemporânea está inserida em um contexto de modernidade, no sentido de que os elementos estruturais e simbólicos hegemônicos constitutivos dessa sociedade são tipicamente racionais, burocratizados, isto é, próprios da civilização moderna e capitalista. Porém, diante desse quadro, algumas religiões que desenvolvem práticas mágicas vêm obtendo constante sucesso no país. As “sociedades modernas” trazem consigo uma idéia de razão e cientificidade, pois as práticas culturais de seus indivíduos estão calcadas em elementos de caráter basicamente racional e as culturas populares, nesses tipos de sociedade, são restritas a pequenos grupos sociais. Essas religiões firmam-se em concepções tradicionais com o mundo sobrenatural e vêm conquistando um número cada vez maior de adeptos, inclusive nas regiões e cidades mais desenvolvidas do país.

Uma onda de conversão religiosa iniciou-se, nascida de uma experiência situada fora do mundo sagrado. Assim vários indivíduos envolvem-se em um processo de troca (ou conversão) religiosa que se sustenta, em toda sua plenitude, ainda na atualidade. Ao procurar um médico e não obter a cura, ao perseguir objetivos e não alcançá-los, ao enfrentar as dificuldades de prover-se materialmente, a religião manifesta-se e compensa o que o mundo real (profano) não consegue servir. É nesses momentos de crises, quando a medicina falha, quando não se atingem os propósitos pessoais e quando a realidade econômica frustra que a conversão se dá.

A presença de uma nova religião na vida do indivíduo, reestrutura um conjunto de símbolos capazes de redefinir o mundo. Dessa forma, tanto a umbanda quanto os neopentecostais ao suprimirem a doença, a crise existencial, transformam carências físicas e materiais, colocando para os indivíduos que estas só podem ser entendidas como questões postas para a religião desvendar. Na sociedade brasileira atual, o indivíduo já não está preso à religião de nascimento, ele se torna livre para escolher os serviços religiosos com os quais vai poder contar na “hora do aperto”; desse modo, a própria concepção de conversão religiosa se modifica e toma outro sentido. Se mudar de religião significava uma verdadeira ruptura com toda uma história de vida, seus valores, concepções, agora, a conversão apenas

se refere ao benefício que o indivíduo pode obter ao adotar outra religião, como se o fiel fosse a uma prateleira e consumisse aquilo que acalma seus anseios.

“(...) Então, em troca do benefício você tem de dar algo em favor do santo, você concorda? (...)”¹. A realidade religiosa que encontramos na pesquisa, se dá numa relação de troca, em que fiel e igreja (ou terreiro) se comprometem, cada um, a honrar suas obrigações intra-religiosas, a igreja, ou terreiro, na resolução do problema e o fiel no compromisso financeiro. *Umbandistas e neopentecostais: entre semelhanças e desavenças* surgiu do desejo de analisar como duas religiões de origens culturais bem distintas possuem elementos e práticas simbólicas bastante semelhantes, além do interesse em refletir como a “relação de troca” se desenvolve entre cada religião.

Entender como se dá tal relação, fez-nos embrenhar por templos evangélicos e terreiros umbandistas de Uberlândia, na busca de subsídios que poderiam responder às inquietações levantadas no início da pesquisa. Durante todo esse processo, percebemos que umbandistas e neopentecostais viviam uma espécie de “guerra” particular. Nos cultos e periódicos publicados por estes, não faltavam acusações do envolvimento íntimo que a religião umbandista tinha com o diabo. Nas conversas informais com pessoas ligadas a umbanda, quando entravam em discussão assuntos envolvendo os neopentecostais, também não deixaram de haver críticas severas às ações de arrecadação e utilização de dinheiro nas igrejas.

Nessa perspectiva, procuramos entender a relação de semelhança e oposição que cerca a umbanda e o movimento neopentecostal na cidade de Uberlândia entre os anos de 1990 e 2004 – período que representa a chegada das igrejas Internacional da Graça e Universal na cidade –, partindo da batalha que essas religiões travam no campo espiritual. Todas as acusações que partem de ambos os lados estão inseridas num contexto de disputa por fiéis e trocas simbólicas. Ao longo do trabalho, poderá ser percebido, nessa relação, que o movimento que circunda essa “guerra” recai sobre o mercado religioso que se tornou a realidade religiosa brasileira com o advento tanto da umbanda quanto dos neopentecostais. Por isto estaremos desenvolvendo um histórico de cada um desses segmentos, partindo dos

¹ LIGIA APARECIDA NUNES RODRIGUES, 38 anos. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2004. Ela se diz umbandista desde, aproximadamente, os 18 anos. Foi influenciada a ir a um terreiro por intermédio de uma tia, já falecida, depois de um problema sentimental.

processos históricos que desencadearam suas constituições, para entender os caminhos e as feições que as religiões assumiram, até desembocar nas disputas verificadas até hoje.

A documentação arrolada para a pesquisa foram: as publicações (jornais, revistas e livros) produzidas pelas igrejas neopentecostais; a utilização de fitas de vídeo e cassete dos programas de rádio e TV realizados por essas igrejas; e as entrevistas com fiéis e lideranças umbandistas da cidade. Nos jornais e revistas citados, constatamos uma série de elementos para discutir o crescimento dos evangélicos e o ataque aos umbandistas. Pelas entrevistas, foi possível entender os meios pelos os quais os umbandistas se inseriam nessa disputa e contra-atacavam (ou atacavam) os neopentecostais. Nas entrevistas, deparamo-nos com dois tipos de testemunhas, que Danille Voldmam define como “*grande testemunha e pequena testemunha*”.² As grandes testemunhas foram as duas lideranças umbandistas (chefes de terreiros), que, em função do que foi exposto pela autora, são aquelas conscientes de sua importância social e histórica e que por isso, sabem da razão de agora serem solicitadas a compartilhar sua experiência. Durante o depoimento de cada uma delas, foi possível identificar que suas observações condicionam o leitor (ouvinte) a desenvolver um pensamento que percorra um caminho que contemple seus interesses.

Cada uma dessas lideranças, por participarem ativamente das manifestações sociais do movimento umbandista, pela procura sistemática de pesquisadores pelos seus trabalhos, sabem da sua importância no cenário da religião, o que ficou bem evidenciado durante as falas, na forma como eles buscam – ainda que sem sucesso –, valendo-se de suas posições de líderes, uma organização dos terreiros para fazer frente ao que é veiculado negativamente a respeito do culto. Então, transparece nesses depoimentos, a consciência de sua própria posição relacionada a um ideal de mudança da posição social da umbanda.

O outro tipo de testemunha encaixa-se no que a autora volta a definir como aquelas pessoas que, para elas, se “*submeteram à história*”, por serem pessoas geralmente excluídas socialmente, quando solicitadas a prestar os depoimentos, espantavam-se questionando sobre o que poderia haver de importância nas suas vidas para um trabalho acadêmico. Suas declarações seguiam uma ordem em que não ficavam implícitas práticas e rituais que, no meio social – mais especificamente no senso comum –, denigrem a imagem

² VOLDMAM, Danielle. *Definições e Usos*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J.(org). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

da religião, como, por exemplo, os despachos, ou oferendas, que são feitos nas esquinas, os quais uma de nossas entrevistadas já dizia ter feito. Não há nestes depoimentos tentativas de mostrar somente o “que a de bom” na religião, como o que pôde ser observado nos primeiros depoimentos.

Voldmam nos forneceu as bases para a confrontação que se fez necessária, entre o discurso apresentado pelas pessoas que representam uma liderança religiosa, com aquele exposto pelos seus possíveis seguidores.³ Aliadas a tudo isto, vieram à observação e a participação sistemática em cultos, palestras e eventos realizados pelas igrejas neopentecostais e tendas umbandistas, aos quais articulamos as questões levantadas por meio das fontes.

A bibliografia utilizada para compreender o processo de constituição e legitimação da umbanda, teve especial destaque o trabalho de Renato Ortiz⁴, no qual ele situa o período de surgimento da religião no momento em que o Brasil passa por uma transformação no seu sistema político-social, com os processos de industrialização, urbanização e formação de uma “nova sociedade” (agora urbana e industrial), bem como o reflexo dessas transformações no desenvolvimento da religião. Ortiz traz, ainda, um estudo detalhado do cosmo religioso umbandista, o qual foi de fundamental importância para a compreensão de cada símbolo sagrado. Volney Berkembrock⁵ nos ajudou a identificar, nos grupos étnicos africanos que aportaram no país no período da escravidão, alguns dos símbolos que a umbandistas tem sua origem, além de apresentar uma discussão sistemática, sobre a importância do espiritismo kardecista na formação da umbanda, o que foi de fundamental importância para entendermos questões como a caridade. José C. Magnani⁶ demonstra o “funcionamento” de toda simbologia umbandista, ou seja, a forma como eles operam os cultos as divindades e os aplicavam – no período de constituição da religião – nas populações pobres dos centros urbanos em desenvolvimento.

³ Segundo a autora, os testemunhos de membros (lideranças) de grupos que construíram “*uma memória como história própria*”, tem no seu discurso uma coerência e estrutura rígidas. Tais membros sabem como selecionar o que será exposto, deixando excluído de sua fala possíveis tensões e conflitos internos no grupo, apresentando assim, uma história sem falhas de seu grupo.

⁴ ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

⁵ BERKEMBROCK, Volney J.. *A Experiência dos Orixás*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998

⁶ MAGNANI, Jose G. Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Moderna, 1986.

Entre os neopentecostais, Luiz de Castro Campos Junior⁷ traz um histórico do pentecostalismo, resgatando a influência que o movimento sofreu do protestantismo norte-americano do final do século XIX, nos apresentando elementos essenciais que caracterizam cada vertente pentecostal no Brasil. O trabalho de Valdo Cesar⁸ chama a atenção para a participação do movimento pentecostal, em relação aos problemas sociais que atingem seus membros, inaugurando assim, uma nova fase da liturgia protestante no Brasil, que não se dedicava até então, a esse tipo de problema. Outra referência bibliográfica essencial foi Ricardo Mariano⁹, o autor elabora um relato histórico do movimento pentecostal, partindo da divisão deste em três vertentes, com as quais foi possível perceber os caminhos percorridos pelos pentecostais até desembocarem na sua mais recente versão: o neopentecostalismo. Mariano demonstrou-nos, ainda, os principais argumentos para a discussão sobre a “Teologia da Prosperidade”, em que houve uma ligação desta questão com as análises de Max Weber¹⁰ em relação a importância da doutrina protestante para o fortalecimento das forças de produção capitalistas, no sentido de estimular os fiéis protestantes a se dedicarem intensamente ao trabalho para alcançar a graça divina por meio da prosperidade material, seguindo tal metodologia os neopentecostais pregam hoje, princípios semelhantes em sua doutrina. Ainda ligada a essa discussão, E. P. Thompson¹¹ ajudou-nos a observar como a burguesia inglesa do século XIX utilizou-se dos argumentos protestantes para difundir seus interesses capitalistas e, conseqüentemente, sua dominação sobre a massa trabalhadora.

Os levantamentos feitos por Antonio F. Pierucci e Reginaldo Prandi¹² acerca do “mercado religioso”, que tornou-se realidade religiosa no Brasil, fez-nos identificar um caráter de troca entre o fiel e a religião. O fiel em troca de um benefício sagrado “paga” um determinado valor monetário para obtê-lo, dentro deste cenário, os autores identificaram os

⁷ CAMPOS JR, Luis de Castro. Pentecostalismo. São Paulo: Ática, 1995.

⁸ CESAR, Valdo. O Mundo Pentecostal Brasileiro. In: CADERNOS ADENAUER nº 9. Fé, Vida e Participação. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.

⁹ MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Edições Loyola: 2000.

¹⁰ WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1981.

¹¹ THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operaria Inglesa: a Maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹² PIERUCCI, A. F. e PRANDI, R. A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política. São Paulo: Hucitec, 1996.

neopentecostais e os umbandistas, como sendo os principais segmentos religiosos a se embrenharem neste comércio espiritual.

Roger Chartier¹³ foi a referência no sentido de entendermos como os grupos sociais impõem, ou tentam impor, suas concepções de mundo e seus valores – dentro do que o autor chama de “*luta de representações*” –, identificando, nos conflitos, os pontos que as representações incorporam e em que cria figuras, as quais fazem com que os elementos simbólicos da vida material ganhem sentido, marcando de forma visível a existência do grupo. O conceito de representação desenvolvido pelo autor, de como ver “uma coisa ausente”, ou como “a exibição de uma presença”, incide sobre o modo, como os umbandistas e os neopentecostais articulam seus rituais, práticas e trabalham o sobrenatural com o real, de forma, a construírem contraditoriamente a realidade social de cada grupo. Em certa medida, as ações destes grupos no mundo social, estão condicionadas às configurações dos símbolos, que levam, por exemplo, os neopentecostais e menosprezarem a miséria, ou os umbandistas, a promoverem ações filantrópicas (caridade). Para Chartier, são a partir dessas ações de representação da realidade, que os grupos adquirem uma identidade e nos permite identifica-los como um ou outro.

Ronaldo Vainfas afirma que entre este modelo de análise de Chartier (o social é precedido das representações e dos símbolos) e o desenvolvido por Thompson (seu modo de percepção do cultural parte das relações sociais), há uma diferença com “*efeitos abissais*”.¹⁴ Mesmo considerando toda essa diferença, a pesquisa incidiu sobre pontos, nos quais foram imprescindíveis a abordagem em ambos autores: no primeiro ponto, durante a discussão sobre a “Teologia da Prosperidade”, houve a importância de resgatarmos, as considerações de Weber, em relação à influência dos valores protestantes no desenvolvimento do capitalismo, o que lançou-nos a analisar o trabalho de Thompson, para entender de que forma, por exemplo, esses valores foram introduzidos na classe trabalhadora inglesa dos séculos XVIII e XIX, refletindo ao mesmo tempo, sobre a dinâmica que ainda envolve capitalismo e religião (representada na pesquisa pelos neopentecostais), na qual, houve uma significativa transformação de valores, inclusive

¹³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade.

¹⁴ VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs). *Domínio da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

sobre o papel de Deus – Ele deixa de ser “chefe” para ser “sócio”.^{*} A outra questão refere-se a rituais e práticas, como, por exemplo, as de exorcismo dos neopentecostais e as incorporações e transe dos umbandistas. Estes são elementos culturais constitutivos destes grupos, que objetivam promover em seus membros, a identificação, neste tipo de representação, de formas essenciais de uma realidade concreta.^{**} Neste sentido, Chartier foi fundamental para entender a força que a interpretação das representações simbólicas, tem na conduta social dos membros desses grupos.

A análise de que partimos, para compreender esses grupos de valores e posicionamentos opostos inseridos dentro de uma mesma dinâmica social, recaiu sobre o estudo de como os membros desses grupos, apreendem e identificam os elementos simbólicos representativos próprios de seu grupo, os reestruturam em ações e os transpõem na realidade social vivenciada.

No trabalho de Marilena Chauí¹⁵ sobre a forma como alguns aspectos da cultura popular, no seu processo de resistência, conformam-se e absorvem em seus signos as imposições da cultura dominante. A autora identificou dentre esses grupos culturais os umbandistas. Chauí mostra, ainda, que o aparente conformismo presente nessa religião se fez necessário para a sua legitimação. E esta reflexão desenvolvida pela autora permitiu-nos entender o porquê de alguns membros da comunidade umbandista em Uberlândia “aceitarem passivamente” as acusações e críticas neopentecostais.

O trabalho inicial de captação de fontes foi entre os neopentecostais, visitamos, constantemente, as livrarias situadas no interior dos templos e em outros locais da cidade e consultamos vários fiéis em busca dos periódicos e publicações. Ao longo dos dias, fomos espectadores fiéis dos programas de oração no rádio e televisão que se desenrolavam

^{*} Em Thompson, percebemos que o discurso religioso proferido aos trabalhadores ingleses dos séculos XVIII e XIX, era destinado a sua dominação e manipulação. Os neopentecostais promovem um discurso hoje, que destina-se a “administrar” essa dominação, à liturgia neopentecostal foram agregados valores que favorecem a livre iniciativa e a prosperidade individual do fiel, a qual, recai num poder de consumo material maior (a ostentação de bens materiais é uma forma de provar a bênção divina entre os neopentecostais) essencial a dinâmica capitalista.

^{**} Os exorcismo visam demonstrar a presença de demônios e a necessidade de expulsa-los da sociedade, o fato desses demônios serem relacionados às divindades africanas, resultam em atitudes e ações concretas de intolerância contra essas religiões. Os passes e consultas dos fiéis umbandistas a pais e mães-de-santo incorporados por alguma entidade, reuzem a tentativa do espírito interferir na vida material do indivíduo, para que possa promover mudanças estruturantes.

¹⁵ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

praticamente por todo o dia. Entre os umbandistas, a falta de publicações e programas de rádio e TV, aqui na cidade, levou-nos a contar apenas com os testemunhos de seus adeptos, os quais contribuíram de forma decisiva no entendimento da forma pela qual eles encaram o papel social de sua religião na sociedade e vivem as experiências de pertencer a um grupo étnico em constante divergência religiosa. Até que há uma considerável quantidade de publicações (livros e revistas) sobre a religião, produzidos por instituições e pessoas ligadas ela em outras cidades. Porém todo este material não foi incluso na pesquisa, pois o seu conteúdo não ofereceu subsídios necessários às respostas das indagações buscadas na pesquisa.

Inicialmente, foi pensada a gravação de entrevistas com líderes neopentecostais. No entanto esbarramos na intensa resistência de tais lideranças, que, por medo de publicações que atinjam suas igrejas*, não concederam entrevista alguma. A participação em vários cultos – como, por exemplo, de leituras de versos bíblicos, rituais de exorcismo e cura, celebrações destinadas a empresários etc. – e todo o material relacionado a essa religião que encontramos, permitiu-nos atingir os objetivos pensados anteriormente em relação à religião. A partir daí, essas fontes orais puderam ser substituídas – apesar do enorme valor que esses depoimentos trariam a pesquisa –, já que, nas fontes encontradas, estavam explícitos os elementos almejados.

O trabalho exclusivo com as igrejas Universal e Internacional da Graça dentro do movimento neopentecostal, já que há outras que compõem esta denominação, deve-se ao fato dessas igrejas serem, praticamente, as únicas aqui na cidade, e até mesmo no país, a se lançarem ao ataque frontal às religiões afro-brasileiras, além de serem as igrejas de maior repercussão nacional desse ramo evangélico. São elas que “ditam as novas condutas” evangelísticas do movimento, ou seja, são a vanguarda religiosa que propulsionam a religião e determina que tipo de ação é necessário adotar, para o crescimento e a consolidação da igreja.

* Durante o diálogo com um dos pastores da igreja Internacional da Graça, sobre a necessidade de serem gravadas algumas entrevistas para a pesquisa, ele foi taxativo em afirmar que muitos trabalhos acadêmicos visam denegrir a imagem da sua igreja e que, por isso, *ele não ajudaria ninguém nesta obra para destruir o que Deus e seus irmãos já conseguiram construir*. Ele ressaltou que ajudou alguns alunos a desenvolver um trabalho e que, ao final, constatou que *eles haviam acabado com sua igreja*. As tentativas com os membros da Universal do Reino de Deus se mostraram da mesma forma frustrantes, ao nos identificar como pesquisadores, eles também logo criaram uma barreira que impossibilitava qualquer diálogo e lançaram seus olhares – como uma espécie de vigias – às atitudes (anotações) que adotávamos durante os cultos.

O trabalho foi dividido em três partes: na primeira, capítulo I, traçamos um perfil detalhado das origens teológicas de cada uma das religiões: as ações, os cultos, os símbolos e o percurso histórico seguido por elas, para podermos entender o porquê da igualdade simbólica, diante de tamanha oposição histórica. Visualizamos que essas religiões trabalham seguindo um parâmetro de prestação de serviços espirituais, pelos quais atendem com características sociais semelhantes, a partir daí, constatamos que as semelhanças entre elas não param por aí, há um número significativo de práticas e elementos presentes em suas celebrações. No 2º capítulo, discutimos as formas das quais umbandistas e neopentecostais utilizam-se para a atração de fiéis, identificando os aspectos e problemas sociais em que ambas atuam, percebendo o que leva as pessoas procurá-las. No 3º capítulo, analisamos a inserção de ambas religiões num contexto religioso, que sociólogos e antropólogos denominam como sendo *religiões de consumo*, ou seja, são religiões que oferecem serviços de solução imediata de problemas. Dentro desta noção de mercado religioso, umbandistas e neopentecostais são os principais concorrentes, essa disputa os leva a uma verdadeira batalha espiritual, neste sentido, as principais estratégias de marketing de cada uma são a demonização de símbolos e a crítica a condutas anti-religiosas.

CAPÍTULO I

OPOSIÇÃO E SEMELHANÇA

Os métodos e a filosofia de sanar problemas que acometem pessoas fazem da umbanda e dos neopentecostais religiões em que é perceptível a presença comum, em ambos segmentos, de vários elementos, símbolos e ações mágicas. O uso do sal grosso, o descarrego, os pedidos anotados em pedaços de papel, o sacrifício, o uso de roupas brancas (em rituais de descarrego), a consagração de objetos, o banho de ervas (principalmente arruda), são práticas e símbolos adotados nos cultos de ambas religiões, apesar da grande disparidade de comportamento e elementos sagrados entre os grupos de que resultaram ambos segmentos, como poderemos analisar a seguir.

ORIGENS, CONSOLIDAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO COSMO UMBANDISTA

A umbanda surgiu da fusão entre as tradições católicas, kardecista e africana. Durante o período da escravidão negra no Brasil, vários grupos étnicos advindos da África aportaram no país. Os Malês, os Yorubas (ou Nagôs) e os Bantos foram os grupos africanos dos quais a umbanda e o candomblé mais se aproximam em relação às suas atividades culturais.¹ A religião foi a força cultural mais poderosa de moderação das diferenças étnicas e sociais no interior da comunidade africana, talvez, pelo fato de ter sido um meio de sociabilidade e solidariedade entre os grupos, ajudando a promover a unidade entre muitos escravos.

¹ A esse respeito ver: BERKEMBROCK, Volney J.. A Experiência dos Orixás. Rio de Janeiro: Vozes, 1998

“Desobrigadas, desde o nascimento, das questões referentes à administração da justiça que pressupõe princípios universalistas e pactos coletivos acima dos desejos individuais, posto que isso era domínio exclusivo da religião geral da sociedade geral, isto é, o catolicismo; desinteressadas de conteúdos formadores da pessoa para o mundo profano, porque o modelo aqui é branco; alimentando o culto de deuses que se exteriorizam e se expressam especialmente através da forma, não é sem razão que as religiões afro-brasileiras desenvolveram um enorme senso ritual presidido por inigualável senso estético, capaz de transbordar os limites do sagrado para se impregnar nas expressões mais profanas que modelam a identidade nacional.”²

A tradição espírita veio com a doutrina kardecista³, com seu culto aos espíritos de antepassados e suas práticas de caridade. A religião kardecista ao chegar no Brasil no final do século XIX sofreu uma divisão entre seus cultos: de um lado, os centros freqüentados por espíritos de médicos, padres e sábios – os chamados espíritos de luz – e, de outro, o chamado “*baixo espiritismo*”, composto por espíritos de escravos e índios. É este o grupo que se aproximará da cultura afro-brasileira, constituindo, assim, a umbanda. Os espíritos de índios e escravos são renegados pelos kardecista, pois, em mesas onde descem espíritos evoluídos ou de luz, não podem descer também espíritos de indivíduos tidos como analfabetos, ignorantes, que não inspiram nem um pouco de sabedoria.⁴

A influência católica advém do sincretismo⁵ entre orixás e santos católicos do período da escravidão, quando os negros eram proibidos de realizar seus rituais africanos ligados a religião. Se a religião negra, ainda que em sua reconstrução fragmentada, era capaz de dotar o negro de uma identidade africana, que recuperava ritualmente a família e a tribo, perdidas para sempre no sistema escravocrata, contudo, era por meio do catolicismo que ele podia se encontrar e se mover no dia-a-dia, na sociedade dos brancos

² PRANDI, Reginaldo. Os Candomblés de São Paulo: a Velha Magia na Metrópole Nova. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 43.

³ O kardecismo, doutrina religiosa desenvolvida pelo francês Allan Kardec no século XIX, pautada em aspectos científicos – segundo seu autor – foi uma religião que teve significativa importância na formação da umbanda. O espiritismo kardecista é desenvolvido em um contexto científico, em que a razão começa a sobrepor-se às questões religiosas mediante de teorias como o positivismo e o darwinismo. Com isto, Kardec elabora conceitos questionando a fé inabalável – que para ele é uma barreira à liberdade de pensar –, conferida pelo catolicismo e pelo protestantismo, como única fonte de crença e salvação, atribuindo a crença não na fé cega, mas, sim, na compreensão “racional” dos elementos religiosos e a salvação, ligada à prática de caridade.

⁴ BERKEMBROCK. Op. cit.

⁵ Sobre a questão do sincretismo, verificar em PRANDI, Reginaldo. Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, Branqueamento e Africanização. In: CAROSO, C. e BACELAR, J. Faces da Tradição Afro-Brasileira. Rio de Janeiro: PALLAS, 1999.

dominadores, responsável pela garantia da sua existência, não importando em que condições de sobrevivência.

*“Qualquer tentativa de superação da condição escrava, como realidade ou como herança histórica, implicava primeiro a necessária inclusão no mundo branco. E logo passava a significar o imperativo de ser, sentir-se e parecer brasileiro. Nunca puderam ser brasileiros sem ser católicos. Podiam preservar suas crenças no estrito limite dos grupos familiares, muitas vezes reproduzindo simbolicamente a família e os laços familiares através da congregação religiosa, daí a origem dos terreiros e das famílias-de-santo. Mas a inserção no espaço maior exigia uma identidade nacional, por assim dizer, uma identidade que refletisse o conjunto geral da sociedade católica em expansão. O fim da escravidão, a formação da sociedade nacional, o extravasamento das populações pelas amplitudes geográficas, com a criação de possibilidades as mais diferentes, tudo isso só fez reforçar a importância do catolicismo para as populações negras. O próprio catolicismo, como cultura de inclusão, hegemônica, não fez oposições, que não pudessem ser vencidas, ao fato de o negro manter uma dupla ligação religiosa.”*⁶

O resultado dessa mistura religiosa pode ser observado num trecho da fala de uma das nossas entrevistadas: “(...)eu paguei uma promessa que fiz a Iemanjá (...)”⁷. Aqui vemos a presença clara de elementos tanto do catolicismo, o pagamento de promessas, como da tradição africana, o culto aos orixás. Mediante a interação de todos estes agentes (espiritismo, santos católicos, cultos a orixás), no início do século XX, surge a umbanda, que tem sido, reiteradamente, identificada por antropólogos como sendo a religião brasileira por excelência. Ao contrário das religiões negras tradicionais que se constituíram como religiões de grupos negros, a umbanda emerge como “religião universal”, por possuir a incrível capacidade de unir elementos tão dispares de religiões distintas, o que a fez atingir várias camadas étnicas da sociedade.

A umbanda é uma religião urbana, seu ambiente são as periferias dos grandes centros em franco processo de industrialização. Por ter, entre suas funções essenciais, práticas terapêuticas e assistencialistas (caridade), a religião será “facilmente” aceita pelos indivíduos que habitam essas regiões, pois está levando a um mundo (periferias) em que só há exploração e exclusão, um pouco de carinho e auxílio.⁸

⁶ PRANDI, Op. cit., p. 45.

⁷ LIGIA APARECIDA NUNES RODRIGUES. Entrevista, 15-11-04.

* Segundo Berkembrock, devido sua origem “multi-religiosa”, vários segmentos étnicos da sociedade se identificaram com a religião.

⁸ MAGNANI. Op. cit.

Durante os processos de urbanização e industrialização ocorridos no Brasil no início do século XX, a sociedade passou por transformações essenciais. A urbanização elevou o custo de vida nas cidades, fazendo as classes subalternas deslocarem-se cada vez mais para as periferias. A industrialização impôs novas relações sociais e de trabalho a uma população que estava acostumada à vida no campo. Com isto, a umbanda desenvolveu toda a sua simbologia de acordo com as necessidades dessa nova sociedade com novos valores e conceitos morais. Para preservar seus atributos afro-brasileiros e se legitimar em relação à sociedade, ela teve a necessidade de codificar, reelaborar e reestruturar esses elementos que foram alvo centrais de preconceitos e infâmias, ou seja, por ter fortes traços da tradição afro, para ser aceita, a religião “aceitou” os valores impostos pelo “mundo branco”.

Marilena Chauí sugere que a umbanda foi vista nesse momento como magia e prática ligada à feitiçaria, por exercer *“atividades ilegais de medicina”*, o que fez, segundo a autora, a religião passar pela oposição do discurso médico-psiquiátrico, tornando-se prática juridicamente ilegal – ou seja por constituir-se como algo perigoso estava sujeita à repressão policial – e socialmente ilegítima. Chauí aponta que além da oposição jurídica e social, a religião experimentou também a oposição religiosa. Entre católicos e protestantes era vista como demoníaca por adorar vários deuses, para os kardecistas, os espíritos umbandistas não eram dignos de ser cultuados por apresentarem *“pouca elevação espiritual”*.

*“O resultado da estigmatização irá refletir fundamentalmente na organização visível das religiões afro e explica sua necessidade de conformismo. No caso da umbanda, esse conformismo-conformação aparece sob dois aspectos, ambos marcando o esforço para ascender da condição de magia à de religião e da condição de seita à de igreja.”*⁹

De acordo com a análise de Renato Ortiz, universo umbandista centraliza-se no culto dos espíritos de caboclos, pretos-velhos, crianças e exus. Conforme o autor, estes espíritos podem ser classificados da seguinte forma: os caboclos são espíritos dos antepassados índios, na umbanda, eles são sinônimo de *“energia e vitalidade”*. Durante as sessões, eles apresentam – através do transe dos médiuns – um comportamento indócil e rebelde. Segundo as análises de Ortiz, o comportamento desses espíritos deve-

⁹ CHAUI. Op.cit. p. 130.

se muito aos estereótipos criados pela literatura romancista brasileira, que classificava os índios como bons e valentes. Os pretos-velhos são os espíritos dos antigos negros escravos. Como eles representam a velhice, os médiuns adotam uma postura um pouco decadente e cansada, curvam-se em direção ao solo e têm dificuldade de se locomover e, devido à idade que lhes é atribuída oferecem-lhe um banco para sentar-se. Falam com uma voz calma e, com seu jeito atencioso e frágil, conquistam a simpatia e a confiança dos adeptos, fazendo-os sentirem-se em estado de paz, segurança e familiaridade. Esses pretos-velhos representam também a autoridade da sabedoria ancestral para legislar sobre as inconstância e intempéries do mundo. Apesar dos anos decorridos desde o fim da escravidão, a orientação e a cura promovidas pelos espíritos desses sábios são ainda indispensáveis para seus descendentes como o são para todos os desprivilegiados, carentes e necessitados, cujas vidas estão sob o peso das pressões da ordem econômica, social e racial. Já os espíritos de crianças têm pouca função nas sessões, eles se restringem mais a purificar o terreiro das possíveis impurezas do “mal” deixadas por Exu (espíritos das trevas, mas que podem fazer tanto bem como o mal) em suas descidas.¹⁰

Exu é a única divindade que conserva ainda traços de seu passado negro, sendo com isto associado ao mal. Além de possuir a qualidade de matador, Exu representa simbolicamente, o reino das trevas; é atribuída a ele a responsabilidade pelos crimes que ocorrem na face da terra. O campo de atuação de Exu é a Quimbanda*, espaço em que esta entidade, tida como marginal da espiritualidade trabalha na magia do “mal para o mal”, sem que possa despertar para *“evoluir de condição espiritual”*. Os Exus tem características específicas que os distinguem dentro do gênero. Assim como há Exus que praticam o mal, há também aqueles que são cultuados na umbanda, que sensibilizados em ajudar o próximo, caminham em direção a evolução praticando o bem. Na umbanda, Exu trabalha sob as ordens dos caboclos e pretos-velhos, já na quimbanda, ele é o dono de suas ações, não devendo obediência a ninguém.

“A análise do universo religioso permite compreender que a distinção magia branca/magia negra, Umbanda/Quimbanda, bem/mal, corresponde à

¹⁰ ORTIZ. Op. cit.

* Núcleo do universo umbandista responsável pela prática da magia negra.

*diferença vida / morte. (...) Desta forma, aos pólos antitéticos enunciados, se alinha um outro, o da ordem/desordem. A zona da Quimbanda aparece como fonte potencial de distúrbios; os exus, agindo no mundo, ameaçam a ordem umbandista.”*¹¹

A umbanda é a religião dos caboclos, pretos velhos, exus, crianças. Perdidos e abandonados na vida, “*marginais no além*”, mas todos eles com uma mesma tarefa religiosa e mágica que lhes foi dada pela religião de uma sociedade fundada na heterogeneidade social: trabalhar pela felicidade do “*homem sofredor*”.

O universo umbandista opera essencialmente com esses quatro gêneros de espíritos. Dentro de cada um destes gêneros, há um número infinito de entidades particulares, cada um possuindo personalidade própria, que se identifica pelo nome. Por exemplo, na linha dos pretos-velhos temos: Pai João, Pai Joaquim, Pai Arruda etc; nos caboclos temos: Caboclo Rompe-Mato, Pena-Branca, Cobra-Coral etc; na linha das crianças: Ori, Tupãzinho, Yari etc; na linha dos exus; Tranca-Ruas, Pomba-Gira, Pinga-Fogo etc. Apesar do grande número de espíritos, o cosmo umbandista mostra-se extremamente simplificado em relação aos demais cultos afro-brasileiros. O transe não se desenvolve segundo a individualidade mítica de cada Deus – ou orixá –, mas de acordo com esses quatro modelos espirituais.¹²

DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA NEOPENTECOSTAL

Os neopentecostais tiveram suas origens fincadas na Reforma Protestante do século XV e no movimento pentecostal norte-americano. Neopentecostalismo deriva do termo “Pentecostes”, que expressa um evento histórico do cristianismo, a fundação da Igreja. É a fase final de um processo histórico, que passa pela organização de um povo sob a lei, a graça e a liberdade do Espírito.

As ações que marcaram a Reforma Protestante tinham um “caráter sectário”, eram promovidas por integrantes das instituições religiosas (igreja católica) que

¹¹ Ibid.

¹² MAGNANI. Op. cit.

* Festa judaica das colheitas, que se realiza no quinquagésimo dia após a festa da páscoa.

acusavam seus dirigentes de serem desviantes das suas origens, tornando-as impuras. Esses movimentos foram impulsionados, inicialmente, por uma dinâmica de reforma institucional, da qual aqueles integrantes “revoltosos”, após fracassarem em seus esforços de moralização, afastaram-se para formar uma nova instituição purificada dos desvios de conduta¹³.

O Pentecostalismo foi um fenômeno que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, porém, antes de abordar diretamente tal fenômeno, torna-se indispensável uma análise histórica do protestantismo norte-americano, já que algumas de suas principais características estão presentes no pentecostalismo que lá se desenvolveu.

O Pentecostalismo nasceu nos Estados Unidos em meio a uma série de redefinições do campo protestante norte-americano, entre o final do século XIX e o início do XX. Caracterizado como um movimento que veio a desencadear uma série de transformações nas igrejas, ele surgiu como uma nova expressão da religiosidade, somando-se a outras tantas seitas na história religiosa das sociedades, que buscavam uma salvação espiritual. O movimento é caracterizado por uma conversão individual de natureza radical e pela forte emoção coletiva nos cultos. Foi disseminado pelo mundo por intermédio de indivíduos que se sentiram “libertados de um passado negro”, obrigados a testemunhar sua nova vida e entrada num mundo de adoração e servidão a Deus. Percebendo a transformação em sua vida, o fiel deveria retribuir tais dádivas, com a contribuição do dízimo sobre todos seus ganhos, prática que continua presente na maioria das igrejas pentecostais. *“O pentecostalismo dirige-se a uma parcela pobre, massacrada pela exclusão e marginalização do capitalismo e que vê no discurso religioso negador do mundo sua alternativa para integrar-se pelo menos aos grupos comunitários.”*¹⁴

O movimento chega ao Brasil no início da década de 1910, mas só a partir dos anos 1930 é que ele começa a provocar polêmica e espanto nos círculos religiosos tradicionais. Embalado por um crescimento espantoso, o pentecostalismo atrai um número elevado de pessoas de outros segmentos religiosos (católicos e de outros grupos protestantes) por seus compromissos com as questões sociais.

¹³ BOISSET, Jean. História do Pentecostalismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

¹⁴ CAMPOS JR. Op. cit. p. 87.

*“São muitas as conversões de católicos ao pentecostalismo, o que tem levado setores do clero a rever sua própria forma de ser igreja, atualmente marcada por figuras carismáticas capazes de congregar multidão de jovens em grandes concentrações públicas. A velha polêmica da relação entre sagrado e secular, clero e leigo, temporal e espiritual, parecem superadas no mundo pentecostal, não somente através de uma intensa renovação espiritual de seus membros, quanto de uma participação mais ativa e comprometida nas realidade social.”*¹⁵

A introdução desses movimentos de cunho carismático no interior das igrejas históricas protestantes foi um elemento restaurador na rotina litúrgica espiritual, tantas vezes alheia aos problemas que afetam a vida social da população.

O pentecostalismo é herdeiro e descendente das doutrinas do metodismo wesleyano (doutrina que acreditava que o homem deveria “dedicar-se à santificação”) e do movimento dos holiness*. De acordo com Ricardo Mariano o que difere, inicialmente, o pentecostalismo do protestantismo são alguns dons do Espírito Santo que passam a ser empregados nos cultos, dentre eles, a cura e o discernimento de espíritos.

*“Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continuam a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade.”*¹⁶

Como observa Mariano, a onda pentecostal no Brasil, divide-se em três vertentes: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. Como a pesquisa tem um foco maior sobre o neopentecostalismo, as duas primeiras vertentes serão apenas apresentadas e analisadas em algumas de suas características específicas. A discussão mais sistemática será sobre o neopentecostalismo.

O pentecostalismo clássico teve seu ápice entre 1910 e 1950, período que compreende seu surgimento e difusão para todo o território nacional. A fundação das igrejas Congregação Cristã no Brasil – em 1910, na cidade de São Paulo – e Assembléia

¹⁵ CESAR. Op. cit. p. 55.

* Movimento surgido nos Estados Unidos em meados do século XIX, que se desvincilhou dos metodistas carismáticos, distinguindo conversão de santificação, denominando esta santificação como “batismo no Espírito Santo”.

¹⁶ MARIANO. Op. cit. p. 10.

de Deus – em 1911, na cidade de Belém – marcam a chegada do pentecostalismo no Brasil, estas igrejas são as principais representantes do pentecostalismo clássico no país. No início, elas eram compostas por pessoas pobres e com baixo nível de escolaridade, discriminadas pelo protestantismo histórico e perseguidas pela igreja católica. Essas igrejas caracterizam-se por um ferrenho anticatolicismo, ao enfatizarem o dom de línguas* e a crença na volta iminente de Cristo. O perfil social de ambas igrejas mudou parcialmente ao longo dos anos, embora continuem abrigando as camadas pobres da sociedade, já atraem um número considerável de profissionais liberais e pequenos empresários.

“Esse ramo do pentecostalismo adota algumas posturas radicais em relação a seus membros. No interior dos templos, os homens ficam separados das mulheres. No culto também existe participação das ‘bandas’, nas quais é permitido o ingresso de ambos os sexos. Embora preguem a separação do ‘mundo’, praticam de forma paradoxal ampla atividade comunitária. Existe ainda a participação na vida pública e alguns de seus líderes chegam a ser eleitos para cargos legislativos, como deputados estaduais e federais.”¹⁷

A segunda vertente do pentecostalismo – deuteropentecostalismo – tem início com a fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1953, na cidade de São Paulo. Esse período, influenciado pela Evangelho Quadrangular, foi marcado pelo “*evangelismo de massa*”¹⁸ centrado na cura divina. Diferentemente da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã, a Quadrangular difundiu-se por meio do rádio, da pregação itinerante em tendas de lona e das grandes concentrações em locais públicos. As igrejas do dito pentecostalismo clássico não faziam uso de qualquer meio de comunicação de massa para a divulgação de seu trabalho.

“A segunda onda constitui, portanto, um desdobramento institucional tardio, em solo brasileiro, do pentecostalismo clássico norte-americano. Mas, como desdobramento ocorrido no Brasil quatro décadas após a chegada das primeiras representantes do pentecostalismo clássico, apresenta distinções oriundas das inovações evangelísticas (como uso de rádio, tendas, cinemas, teatros, estádios) e da ênfase na cura divina e, em menos medida, no exorcismo introduzido pelos missionários da Cruzada. Justifica-se, assim, a divisão das duas primeiras ondas pentecostais pelo critério do corte histórico-institucional,

* Falar em outra língua, ou em línguas estranhas, é encarado pelos pentecostais como um sinal da presença do Espírito Santo.

¹⁷ CAMPOS JR. Op. cit., p. 32.

¹⁸ MARIANO. Op. cit

*mas não pela existência de diferenças teológicas significativas entre ambas. Tendo em conta que a segunda onda mantém o núcleo teológico do pentecostalismo clássico, mas se estabelece quarenta anos depois e com distinções evangelísticas e ênfase doutrinária própria, optamos por nomeá-la de deuteropentecostalismo.”*¹⁹

A última vertente do pentecostalismo surge na década de 1970 com a Igreja Nova Vida, fundada no Rio de Janeiro. Esta nova onda pentecostal cresce e se fortalece no decorrer das décadas de 80 e 90. A Igreja Nova Vida foi o alicerce para o surgimento das igrejas Comunidade da Graça (1979) e Renascer em Cristo (1986) – em São Paulo – e da Universal do Reino de Deus (1977) e da Internacional da Graça de Deus (1980) – no Rio de Janeiro. Em Uberlândia, segundo a declaração de uma obreira, a Universal chegou à cidade há, aproximadamente, 15 anos, já a Internacional instalou-se no município em 1999.*

De acordo com Valdo César, o neopentecostalismo apresenta-se como a mais forte vertente do movimento pentecostal. Preservando a essência de sua doutrina – os dons do Espírito Santo –, esta nova vertente reelabora alguns hábitos e costumes: *“homens e mulheres não precisam mais sentar-se separadamente, elas podem cortar os cabelos e usar cosméticos, eles estão dispensados do paletó e gravata”*.²⁰

Essas novas condutas facilitam ainda mais o acesso de pessoas menos privilegiadas e atraem bastantes jovens. As igrejas neopentecostais, no seu período de fundação, não exigiam um grau elevado de estudos teológicos por parte de seus dirigentes, ou mesmo uma formação escolar condizente com sua função de liderança religiosa. Os templos se enchem várias vezes por dia, os fiéis, movidos pela fé, superam todos os seus limites financeiros para se mostrarem presentes nos cultos. Há uma insistência nas doações financeiras, seguindo a promessa de que Deus recompensa com o dobro aos que lhe doam até mesmo o que lhe pode faltar. A justificativa para essas ações? Estão contribuindo para uma causa nobre: o crescimento da igreja e a salvação dos perdidos.

¹⁹Ibid., p. 32.

* Durante uma conversa informal com uma das obreiras da igreja Universal, a qual eu não tenho gravada, ela disse estar na obra da igreja aqui na cidade há 14 anos, período que, segundo ela, se aproxima do tempo em que a igreja está instalada na cidade, ao indagar outras pessoas sobre a “precisão” da época em que chegaram, ninguém soube informar. Em relação à igreja Internacional, um dos pastores soube precisar o ano da chegada da igreja: 1999. Diálogo que também não tenho gravado por motivos já justificados.

²⁰CESAR. Op. cit.

Diante de tal questão, vemos-nos em meio a uma controvérsia: igreja rica e fiéis pobres. Há pelo menos três elementos que justificam esta controvérsia: o poder da palavra e da linguagem pentecostal, os espaços abertos por essa comunicação e as implicações teológicas advindas de um novo estilo de igreja e uma nova experiência de vida.²¹

Embora as duas primeiras vertentes não apresentem diferenças teológicas significativas entre si, no neopentecostalismo verificamos o oposto. Os neopentecostais pregam entre seus fiéis a “Teologia da Prosperidade”, rejeitando o “ascetismo” pentecostal tradicional, o caráter “liberal” dessa vertente – no que tange, por exemplo, às áreas como o vestuário, embelezamento feminino e interação social – se contrapõe, relativamente, ao “sectarismo” das outras vertentes.

*“Fica claro, portanto, que, além do corte histórico-institucional em ondas, as diferenças teológicas e (em parte decorrentes dessas) as comportamentais (abandono do ascetismo intramundano) e sociais (diminuição do sectarismo) compõe os critérios adotados para classificação do neopentecostalismo. Tendo em vista tais critérios, verifica-se que o neopentecostalismo não é definido isoladamente nem em si ou por si mesmo. Pelo contrário, é construído a partir da adoção de parâmetros relacionais, tendo como referências constrativas o pentecostalismo clássico e o deuterpentecostalismo.”*²²

Nem todas as igrejas fundadas na década de 1970 e 80 podem ser consideradas neopentecostais. O que caracteriza uma igreja como tal são suas consideráveis distinções de caráter doutrinário e suas arrojadas formas de inserção social e afirmação comportamental, características que nem todas as igrejas do período possuem. Muitos dos líderes religiosos que romperam com a Assembléia de Deus, Congregação Cristã ou Evangelho Quadrangular, tendem a guardar maior proximidade doutrinária e comportamental com suas matrizes. A igreja menos “sectária e ascética”, quanto mais liberal e progressista (aqui no sentido de investir em práticas extra-igreja, ou seja, atividades empresariais, políticas, etc), aproxima-se mais do ramo neopentecostal.

²¹ Ibid.

^{*} Questão que será discutida detalhadamente mais adiante, por se tratar de um dos principais pilares da doutrina neopentecostal e que, em parte, faz com que este segmento tenha uma posição oposta aos umbandistas em relação à caridade.

²² MARIANO. Op. cit., p. 36.

As igrejas neopentecostais vêm exercendo forte influência sobre as demais do mundo pentecostal, devido às suas novas crenças e práticas de sucesso e agrado das massas. Nos cultos em igrejas como a Universal do Reino de Deus, o ritual de exorcismo é exarcebado nas sessões de libertação, concedendo aos demônios – identificados com as entidades das religiões afro-brasileiras e espíritas – destaque e importância (negativa) sem precedentes. Ao contrário do que é verificado na Universal, as outras igrejas evitam o exorcismo público e coletivo, caracterizado por dramatizações ritualísticas para libertar e converter adeptos dos cultos afros e de outras religiões.

Outra característica marcante dos neopentecostais é o rompimento com a ideia da busca da salvação por meio da rejeição ao mundo. Aquela proposição pentecostal, de que a vida terrena do verdadeiro fiel seria dominada pela pobreza material e sofrimento da carne – pois só assim atingiria a salvação divina – sai de cena, sendo substituída pelo livre gozo do dinheiro, do status social e dos prazeres do mundo. Com isto, os neopentecostais em vez de rejeitar o mundo, passam a afirmá-lo, pois os prazeres advindos da graça divina devem ser aproveitados ainda aqui na vida terrena. Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como se tornar herdeiro das bênçãos divinas, o principal sacrifício que Deus exige de seus servos é de natureza financeira, ou seja, ser fiel no dízimo e dar generosas ofertas com alegria e desprendimento. Segundo José Rubens Jardimino, as igrejas neopentecostais apresentam-se como um “*supermercado da fé*”, ou seja, uma empresa que exige de seus clientes apenas o pagamento pelos produtos adquiridos.²³

Na busca incessante de aumentar seus rebanhos de fiéis, essas igrejas partem para o mais poderoso meio de comunicação de massa deste país, a televisão. Neste quesito, a Universal mostrou-se na vanguarda do movimento religioso, adquirindo um canal de televisão. Desde a fundação da Evangelho Quadrangular, o uso dos meios de comunicação de massa tornaram-se uma constante entre os evangélicos, porém a capacidade de inserção do discurso evangelizador na sociedade por meio do rádio (meio mais utilizado na época), jornais e panfletos era pequeno. Com o poder ideológico da televisão, os neopentecostais tiveram ao seu favor a possibilidade de estarem

²³ JARDILINO, José R. Lima. Sindicato dos Mágicos: um Estudo de Caso da Eclesiologia Neopentecostal. São Paulo: CEPE, 1993.

efetivamente presentes o dia todo na vida de seu fiéis e daqueles que ainda não se converteram. A televisão não significa só um meio de captar novos adeptos, ela está representando para os neopentecostais um forte aparelho de influência política, pela qual eles, aos poucos, vão conquistando espaço nas esferas do poder nacional. O marketing que é produzido sobre conquistas pessoais dos fiéis, que prestam testemunho nos mais diversos programas, demonstra a “eficiência dos serviços” prestados pela igreja, podendo seduzir até o mais convicto dos ateus.

Depois de termos apresentado as características específicas de cada vertente pentecostal, está claro que as duas primeiras ondas se diferenciam da terceira em questões que abrem um “abismo” entre elas. Para os pentecostais clássicos, qualquer sofrimento é mínimo se comparado às maravilhas oferecidas pelo paraíso no céu, a vida terrena é só uma fase de espera; os neopentecostais consideram que, após a morte, todo cristão será recompensado com o paraíso, mas é possível vivê-lo aqui na terra, recebendo a graça de Deus. Com relação ao dízimo, os clássicos afirmam que os fiéis devem dar à igreja, regularmente, 10% de seu salário, como determina a bíblia; os neopentecostais pregam o mesmo, porém eles afirmam que, pagando o dízimo, o fiel poderá exigir que Deus o recompense. Quem é atraído por prazeres está se concentrando menos em Deus e abrindo espaço para o Diabo, segundo a versão dos clássicos; para os neopentecostais, não há nada de errado em se divertir, desde que isto seja feito de forma moderada. Algumas igrejas pentecostais clássicas impõem trajes formais e proíbem a depilação e o corte de cabelo; as neopentecostais consideram que a escolha da roupa é uma questão de gosto pessoal, usar maquiagem e ser vaidoso não é proibido.²⁴

O quadro a seguir apresenta-nos uma divisão bem simplificada de cada ramo evangélico, com suas respectivas igrejas (aqui só as de maior importância para a pesquisa).

Protestantes	Pentecostais
--------------	--------------

²⁴ GWERCMAN, Sérgio. Evangélicos. Revista Super Interessante. Edição nº 197 – 02/2004.

Históricas	1ª vertente	2ª vertente	3ª vertente
Luterana	Assembleia de Deus	Evangelho Quadrangular	Universal do Reino de Deus
Congregacional	Congregação Cristã	Brasil para Cristo	Internacional da Graça
Anglicana		Deus é Amor	Renascer em Cristo
Metodista			
Batista			

O pentecostalismo é um movimento que, ao longo dos anos, vem sofrendo uma série de transformações em suas práticas, como foi observado anteriormente. Assim como a umbanda no seu processo de consolidação – que, desde seu surgimento e para sua legitimação, foi absorvendo e reelaborando ao seu cosmo religioso, os elementos constitutivos de cada época, próprios da dinâmica histórica que envolve qualquer sociedade –, o pentecostalismo mostrou-se como uma força contrária às imposições teológicas do catolicismo, que dominava o campo religioso no país. Outro aspecto que aproxima esses dois troncos religiosos no seu período de formação, é o fato de terem como alvo de suas atuações os indivíduos renegados pelo catolicismo e marginalizados economicamente pela sociedade.

IGUALDADE SIMBÓLICA

Apresentada a diferença estrutural entre umbanda e neopentecostalismo nas suas gêneses e constituições simbólicas, percebemos que, já no período que marca o surgimento de cada segmento, elas percorrem um mesmo caminho. Durante o início do século XX no Brasil, o campo religioso da sociedade era dominado e imposto segundo os preceitos do catolicismo, religião a qual a elite nacional declarava pertencer. Até os anos 1930, observa-se a degradação do antigo sistema: o fim de uma sociedade que baseava sua produção no trabalho agrícola; a consolidação de um processo de transformação que já se constituíam antes mesmo, desde o fim do século XIX, tornando-se realidades

sociais: a industrialização, urbanização e a formação de uma sociedade de classes. Nesse período, o país intensificou seu processo de industrialização, houve uma migração intensa de pessoas do campo para a cidade, somando-se ao contingente de ex-escravos – que, após a abolição, se dirigiam às cidades na busca de melhores condições de vida – multiplicando a oferta de mão-de-obra nos centros urbanos. Todo esse contingente populacional foi habitar as áreas periféricas e pobres das cidades, justamente os locais onde havia uma repressão às atividades culturais (samba, capoeira, etc) desenvolvidas por seus moradores, tidas como depreciativas da moral e dos costumes da sociedade, o que fez recair sobre eles uma discriminação por parte da elite e de todas as instituições que a circundavam, inclusive a Igreja Católica.²⁵

O público que inicialmente estaria compondo o quadro de fiéis tanto da umbanda quanto dos pentecostais, seria, em sua grande maioria, esses excluídos. Essas duas representações religiosas iriam atuar, de certa forma, juntas, num processo de construção simbólica de um mundo sagrado no qual eles (excluídos) pudessem ter acesso a uma nova dimensão espiritual. Umbandistas e pentecostais desenvolvem, cada um a sua maneira, porém com um objetivo único, práticas religiosas nas quais seus fiéis irão enfrentar a falta de valores e regras da sociedade moderna e estabelecerem relações de solidariedade na metrópole.

Ambos segmentos religiosos sofreram algum tipo de repressão durante sua constituição no país. Os pentecostais tinham seus trabalhos desaprovados tanto pelos católicos como pelos protestantes históricos, principalmente no que se refere à exacerbação dos poderes sobrenaturais do Espírito Santo (principal característica pentecostal) e pelo tipo de culto de adoração fervorosa e improvisada, bem distinto da formalidade e discrição de católicos e protestantes tradicionais. Já os umbandistas, devido à forte presença da cultura negra no seu cosmo religioso, tinham suas práticas perseguidas pelas autoridades policiais, por representar atitudes que feriam os costumes sociais – as manifestações de cunho religioso eram proibidas sob a alegação de feitiçaria –, visto que grande parte das atividades desenvolvidas pelos negros, no campo cultural naquela época, era uma afronta à ordem social imposta pela elite, que tentava, de todas as formas, construir uma nova nação, inspirada no modelo de países europeus e dos Estados

²⁵ ORTIZ. Op. cit.

Unidos, tidos como civilizados e cultos²⁶. A proclamação da república simbolizava os anseios de modernização da sociedade brasileira, com isto, não poderia ser admitido qualquer tipo de atividade que representasse – segundo a ótica elitista da época – atraso e ignorância.

Apesar da resistência sofrida pelos pentecostais na sua chegada ao Brasil, pelas lideranças católicas, tal oposição não ocorreu entre os fiéis. A adoção de uma demagogia social pelos pentecostais despertava a atenção dos extratos mais pobres da população, em relação à busca de um “paraíso”, que os católicos lhes deixavam cada vez mais distantes. O pentecostalismo desenvolveu-se em um contexto, em que as condições sociais eram tão precárias, que, ao aparecer um discurso negador de tal realidade, este foi bem aceito por todos aqueles que eram marginalizados e desprezados pela sociedade. Ligada diretamente aos interesses da classe dominante nacional, a Igreja Católica, em sua luta para recompor-se da perda de poder sofrida com a república, desenvolve um discurso classista, em que os problemas sociais, como a miséria e o desemprego, eram fatos que inexistiam em suas comunhões, sendo que o objetivo das ações do catolicismo, naquele período, era o controle ideológico dos grupos sociais, em proveito da ordem social.²⁷

O crescimento da umbanda teve um aumento considerável até a década de 1970, porém em um número que não representasse parte significativa da sociedade. Utilizando-se dos ideais de caridade, de práticas terapêuticas e das atitudes solidárias às condições de vida das pessoas, a umbanda não seguiu o ritmo alarmante de crescimento dos pentecostais, por talvez, – assim como todos cultos afros – representar uma vertente religiosa a experimentar a repressão do Estado. Segundo Lísias Negrão, a elite procurava por meio dos jornais (nas páginas policiais) afirmar que a umbanda não se consistia em alguma forma de religião, mas, representava a mais desqualificada prática de misticismo, perigosa à sociedade do ponto de vista da sanidade mental e da moralidade.²⁸ O preconceito social que paira sobre a simbologia africana hoje, parece corresponder ainda àquela repressão do passado.

²⁶ SILVA, Wagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira*. São Paulo: Ática, 2000.

²⁷ ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairos, 1979.

²⁸ NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. São Paulo: EDUSP, 1996.

*“Olha eu falava que era espírita, aí se a pessoa perguntasse se era kardecista, aí eu respondia: não umbandista. Mas hoje não, aqui na vizinhança todo mundo sabe e me trata normal. Se me perguntam na rua eu vejo qual é a da pessoa, se ela tá interessada em brincar com a minha cara eu nem dou atenção, se eu vejo que é sério, eu falo: espírita umbandista.”*²⁹

É notório as pessoas ligadas às religiões afro-brasileiras terem um certo receio em assumir completamente sua identidade religiosa, mesmo com todas as garantias constitucionais de liberdade de culto conquistadas nas últimas décadas, como podemos observar na fala de Betina Peres, uma ex-kardecista, quando perguntado se ela, publicamente, assumia-se como umbandista.

A umbanda e o pentecostalismo surgem, pois, como religiões que prometem uma resposta imediata ao sofrimento do povo, mesmo que em nível espiritual. Elas atuam num território em que a miséria, a carência e a falta de esperança são elementos extremamente presentes na vida das pessoas.

Ao percebermos esse grau de disparidade entre as origens dessas religiões, parece soar estranho que segmentos de grupos sócio-culturais de origem bastante distintos possam desenvolver, ao longo de sua história, elementos tão semelhantes. Na umbanda, o sal grosso é receitado constantemente pelas entidades, durante as consultas, para banhos; as pessoas depositam uma série de objetos (garrafas de água, amuletos, ferramentas, documentos, etc) no santuário para que o líder espiritual da casa os abençoe; promoção de atividades com peregrinação, longos períodos de oração, penitências, tudo como forma de sacrifício por pedidos solicitados; o descarrego (chamado por eles de transporte) retira da pessoa um espírito sofredor que possa estar prejudicando-a. Nas igrejas neopentecostais, vemos a presença desses mesmos rituais da seguinte forma: o sacrifício, além de ser uma prova de fé, é o pré-requisito para ser contemplado pelo poder divino; nas sessões do descarrego (na Universal), a vestimenta dos pastores é toda em branco (fazendo uma alusão ao vestuário afro); o próprio descarrego tem a finalidade de livrar a pessoa de um espírito que a está prejudicando; aqui, as pessoas são solicitadas a levar carteiras de trabalho, chaves e documentos de veículos, dentre outras coisas, para o

²⁹ BETINA L. PERES. 33 anos. Entrevista realizada no dia 29 de setembro de 2004. A Sr. Betina é umbandista há aproximadamente 15 anos, seguindo os passos da família, freqüentava um centro espírita situado no bairro Santa Mônica, começou a participar dos cultos umbandistas aos 18 anos a convite de uma amiga.

altar para que Deus possa consagrar o que já foi conquistado, ou ainda o que está por vir a ser.

“Numa referência à umbanda, a Universal realiza vez ou outra, mas sempre as sextas-feiras, ritual de descarrego, no qual os fieis, para serem libertos, são aspergidos com galhos de arruda, molhados em bacias cheias de água benta e sal. A arruda as vezes é conduzida pelo fiel para captar o mal presente em casa e nos moradores, sendo depois levada de volta para ao templo para ser queimada. Faz ainda rituais de ‘fechamento do corpo’, típico da umbanda, e a ‘corrente da mesa branca’ que, pelo nome, evoca o kardecismo.”³⁰

No programa “*Show da Fé*”, transmitido em horário nobre pela rede Bandeirantes de Televisão, produzido pela igreja Internacional da Graça e apresentado pelo seu líder, o Missionário R. R. Soares, houve uma pregação na qual o apresentador falou a todos de um caso de uma fiel que teria uma doença na perna e que, para ser curada, só mesmo com uma amputação. O apresentador disse ter receitado a ela “*fazer um chá de pétalas de rosas que haviam sido abençoadas no altar, fazer um banho e durante sete dias de manhã banhar a perna em nome de Jesus com toda a fé. E ela fez isso e não precisou mais cortar a perna*”.³¹ O banho de ervas é uma atividade presente em todos cultos afros e receitado pelos espíritos em qualquer sessão umbandista. Num culto da mesma igreja do Missionário Soares, após uma sessão de descarrego, realizada nessa igreja sempre as sextas-feiras – que, segundo explicações do pastor por ser o dia em que é cultuado Exu à noite nos terreiros umbandistas e, por isso, o dia estar carregado influências do mal – foram distribuídos pratos contendo sal grosso, para as pessoas ali presentes, tomarem, simbolicamente, um banho para sacralizar o descarrego que há pouco havia sido realizado.

“Eles estão ganhando em cima das nossas coisas. O banho de ervas que dizem que tem lugares onde já se faz, o sal grosso que é nós quem usamos, amuletos que eles estão fazendo é nosso, tudo isso é de umbanda e candomblé. O descarrego, diz que usam nas igrejas, eu vejo falar, faz descarrego nas pessoas. Eles estão crescendo em cima das nossas coisas, e nós servindo de escada e todo mundo quietinho. Eles estão usando umas forças, que eles não sabem que força estão usando. Até a própria cor da roupa, tem um deles que eu não sei qual é que está usando o branco. Então eles estão tomando todo o nosso espaço e assim

³⁰ MARIANO. Op. cit. p. 135.

³¹ O programa *SHOW DA FÉ* é exibido diariamente pela Rede Bandeirantes de TV, em nível nacional, às 20:30 hs, é apresentado pelo Missionário R. R. Soares, atual líder e fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, 25-03-04.

*várias coisas dentro do culto. Você vê o caso do batismo, nos temos nossa consagração lá nas águas, o batismo deles também é feito nas águas, mas isso não vêm ao caso porque nosso Senhor Jesus Cristo também foi batizado nas águas. Mas esse negócio de ervas, patuás! Só que eles dá outro nome, mas tudo é nosso. Aquele negócio de fazer pedido anotado em papelzinho levar lá na igreja colocar em determinado lugar, que aí vai orar pelo senhor em cima daquilo.”*³²

Mãe Irene percebe que, aos poucos, os neopentecostais vão começando a transitar pelo mesmo campo de atividades espirituais que a umbanda. Com isto, a Mãe-de-Santo percebe que as práticas de sua religião estão sendo amplamente difundidas no outro segmento, o que pode acarretar numa busca maior pelos serviços dos neopentecostais. Nessa fala, nós perceberemos como a umbanda é uma religião compartilhada por fiéis de outras denominações religiosas. A preocupação da nossa entrevistada em ver os neopentecostais “*crescerem em cima das suas coisas*” demonstra uma certa inquietação sobre o futuro da religião umbandista, pois até que ponto irá esta apropriação simbólica dos neopentecostais sobre os elementos umbandistas, segundo o que nos apresenta nossa entrevistada.

O fato de a umbanda e os neopentecostais serem movimentos que em determinados pontos, se aproximam está ligado a essa idéia. Por serem religiões que visam à solução imediata dos problemas que afligem as camadas pobres e miseráveis da sociedade, elas se estruturam sobre uma mesma base, segundo o que esses grupos sociais mais necessitam em uma religião. Com isto, muitas práticas ritualísticas que estarão compondo o cosmo religioso de cada movimento serão as mesmas. Outro fator que contribui para tais semelhanças é a troca constante de fiéis que marca a realidade religiosa no país, o “vai e vem” pelas diferentes denominações religiosas, de certa forma, faz com que haja um intercâmbio de elementos simbólicos. Questão que Mãe Irene e Rogério Luiz Rodrigues (Pai Rogério) deixam bem claro nas seguintes falas, pelo fato de haver pessoas que procuram um segmento religioso por simples “curiosidade” e acabam mais tarde comprometendo a “idoneidade” da religião:

“Algumas pessoas leigas que estão lá (igreja neopentecostal) não sabem o que se passa em um terreiro de umbanda, mas hoje a gente vê que eles estão

³² MARIA IRENE ARANTES. Entrevista realizada no dia 10 de julho de 2004. Mãe Irene, como é conhecida nossa entrevistada, é a zeladora da Tenda Coração de Jesus. Representa uma das principais lideranças do movimento umbandista em Uberlândia.

*dando maior vazão para que as pessoas estarem adentrando, então são pessoas que já passaram dentro do culto. Então o que eles viram, praticaram dentro de um terreiro, eles levam tudo para lá para malhar.”*³³

*“Bom eu acredito o seguinte, se você observar lá no início eu falei pra você, que as pessoas buscam da religião aquilo de que elas não são merecedoras, correto. Tem muita gente chega vê e acha bonito, porque é bonito você ver as pessoas dançando, quer entrar, quer entrar a qualquer preço. Entra a qualquer preço sem ter um critério sem saber se é aquilo que ela quer, você entendeu. De repente quer algo material, algo sentimental e a qualquer preço quer isso. Então tem sacerdotes despreparados com a visão errada, isso vem lá do começo da umbanda, porque isso não podia ter sido aceito lá no início.(...) Então assim concluindo o que eu estava falando pra você, as pessoas buscam, a pessoa buscou aquilo que ela queria, não foi merecedora e ela teve o quê? Vínculo com a religião.”*³⁴

O indivíduo que, ao longo de muitos anos, frequenta uma determinada religião depois passa a frequentar outra, vários valores que ele pessoalmente cultivou ao longo da extensa experiência religiosa que teve na primeira, em certa medida, ele estará transplantando para a segunda, mesmo que esta pregue o oposto daquela. Exemplo claro disto, temos o próprio Bispo Macedo, que diz já ter frequentado religiões espíritas:

*“Uma certa ocasião, quando meu tio chegou para se tratar de uma enfermidade no Rio de Janeiro, tivemos uma boa experiência. Ele ficou hospedado em nossa casa e, embora os médicos tivessem feito tudo o que puderam, não o curaram. Nós o levamos ao centro (é bom lembrar que naquela época eu também estava no engano) e, em certo momento, eu e minha tia o carregamos até um médium, para que tomasse os passes. O médium imediatamente relatou tudo o que estava acontecendo com ele, o que nos deixou espantados e maravilhados. Garantiu que meu tio ficaria curado, totalmente, dentro de pouco tempo. Ficamos esperançosos e confiantes; quatro dias depois, no entanto, ele morreu. Se tivesse realmente ficado curado, talvez eu estivesse enredado no espiritismo até hoje! Nunca seria um pregador e jamais teria escrito este livro.”*³⁵

Mesmo considerando a oposição das origens teológicas e culturais da umbanda e dos neopentecostais, ambos os segmentos surgiram num contexto, em que a igreja, ou a religião propriamente falando, não determina mais as ações da sociedade, em que o poder absoluto não está mais centralizado em suas mãos. No cenário o qual esses movimentos

³³ Ibid.

³⁴ ROGERIO LUIZ RODRIGUES. Entrevista realizada no dia 16 de julho de 2004. Pai Rogério é o zelador da Tenda Pai Cambinda Caboclo Cobra Coral. Nosso entrevistado é “filho-de-santo” de Mãe Irene, formou-se pai-de-santo na Tenda Coração de Jesus.

³⁵ MACEDO, Edir. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios? Rio de Janeiro: Universal, 2000. p. 79.

se formaram e ainda estão inseridos, os segmentos religiosos é que se sujeitam e se rearticulam segundo as necessidades da sociedade, ou seja, se durante a Idade Média a Igreja era quem detinha o poder e determinava as condutas sociais. Com as transformações promovidas pela Reforma Protestante, a separação entre Estado e Igreja e a consolidação do capitalismo, a sociedade passou a ser regida segundo preceitos que fogem à esfera religiosa, sendo que, a partir desse momento, a Igreja (termo representando a religião) passou a articular-se de acordo com a realidade que lhe era, agora, imposta.

Todo o trabalho desenvolvido sobre essas religiões, levando-se em consideração a inserção de ambas nessa dinâmica social citada, levou-nos a considerar que elas seguem um caminho, no qual a solução de problemas apresenta-se como uma de suas principais formas de atuação junto a sociedade. Tudo isto poderemos perceber, por exemplo, em atividades como a cura de doenças, que são práticas desenvolvidas cotidianamente em templos e terreiros, como a população pobre que frequenta tais locais não tem acesso, de qualidade, a serviços de saúde – ou quando os tem são extremamente precários – e muitas vezes a causa das doenças são atribuídas à presença de algum demônio na vida da pessoa, desta forma, é conveniente tratar-se no templo ou no terreiro. Umbandistas e neopentecostais fazem deste tipo de atividade, um poderoso mecanismo de absorção de fiéis, como poderemos constatar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

A SOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMO FORMA DE CAPTAÇÃO DE FIÉIS

O sucesso e a grande eficácia dos cultos umbandistas e neopentecostais em atrair fiéis para seus campos religiosos estão no fato de ambas serem religiões nas quais os indivíduos têm acesso a serviços espirituais, que oferecem uma potencial capacidade de resolução de problemas, cuja solução no mundo material, não encontraram.

A umbanda ancora-se na sua tradição kardecista e faz da caridade seu principal sustentáculo social. A caridade, para a umbanda, é o elo imprescindível de inclusão, embora seja uma religião na qual as preferências e os desejos individuais são tolerados e permitidos – não há um código moral que regule e fiscalize os fiéis –, parece-nos que a caridade é o fundamento que equilibra as relações na ordem espiritual e material.

Os neopentecostais apostam na idéia de que Deus recompensa com o dobro aos que lhe doam até mesmo o que lhes pode faltar, com isto, estimulam seus fiéis a embrenharem nas campanhas de libertação promovidas pelas igrejas, que apresentam um discurso salvador, no sentido de acabar ali, naquele momento, com qualquer mal que afete a pessoa.

A Sr. Betina Peres relatou-nos que se iniciou na umbanda por meio de uma dessas ações assistenciais, no ritual da cura, feito pelos caboclos e que atrai pessoas descrentes com o tratamentos médicos convencionais, que são atendidas e acreditam ter seus problemas resolvidos pelos espíritos.

“Eu iniciei na religião a partir de uma amiga da minha mãe, eu tinha uma dor assim na barriga, é aqui no estômago, desde que eu tinha uns 14 anos. Tomava chá, ia lá na medicina e não adiantava. Aí essa amiga da minha mãe, que freqüentava o mesmo centro (espírita) que nós, me levou num terreiro que tinha no Jaraguá. No dia tinha sessão com caboclo e aí essa amiga falou para mim participar da cura, que era para eu falar na onde eu sentia dor. Na hora do passe eu mantive o pensamento na dor e na hora que teve a cura eu deitei no chão e o caboclo pois a mão com o barro na minha barriga. Depois passou um tempo parou. Até hoje, acabou.”¹

¹ BETINA L. PERES. Entrevista. 29-09-04.

Da mesma forma, podemos verificar, entre os neopentecostais, que essa capacidade de sanar problemas dos mais diversos tipos faz também desta religião um “porto seguro” para aquelas pessoas descrentes com os serviços de utilidade pública.

*“As pessoas não entendem o porquê de tanto sofrimento em suas vidas. Não conseguem emprego, ou quando o fazem, não ficam por muito tempo. Estão sempre adoentados e, ao procurarem ajuda médica, os profissionais não conseguem diagnosticar os problemas. São infelizes sentimental e familiarmente, enfim, essas pessoas chegam ao ponto de afirmarem que não nasceram para ser felizes.(...) Ângela Dias Lima Silva passou por momentos terríveis em sua vida antes de participar de um **Tratamento Espiritual**. Desde a infância Ângela era perturbada pelos espíritos inferiores. Devido a isso, ela vivia constantemente doente(...) - Perdi tudo a ponto de querer tirar minha própria vida. Eu me sentia desamparada. Devido a isso, fui buscar auxílio na casa dos encostos. Tentei o suicídio me jogando em baixo de uma carreta. Fui parar no hospital – lembra. No entanto Deus deu a Ângela uma nova chance de ter um encontro com ele.*

*- Passei em frente ao local onde aconteciam as palestras do **Tratamento Espiritual** e lembrei dos ensinamentos que ali me foram ministrados. Desta vez decidida a transformar minha vida, comecei novamente o tratamento de libertação das forças opressoras. Encontrei grande ajuda dos palestrantes e de seus auxiliares. Finalmente tive um real e verdadeiro encontro com Deus. Hoje tenho paz, casei-me com um homem de Deus, tenho carro, casa e sou feliz com meus filhos e minha família – concluiu.”²*

A maior parte das pessoas que buscam o terreiro ou a igreja, com a finalidade de se consultar, vão movidas pelas mais diversas causas. Mas sejam elas quais forem, a pessoa procura solução para um mal, para um problema que a aflige, seja mental, espiritual, psicológico, financeiro, sentimental ou físico. Algumas forças ajudam-nas no impulso da busca da religião: a crença, a fé e o sofrimento resultante dos caminhos ineficazes percorridos antes para chegar à solução. O erro médico, as limitações da medicina convencional, o fracasso comercial, as angústias sentimentais, depressão, influência das forças negativas também constituem causas da demanda. Tudo isto nos leva a constatar que as pessoas são movidas por um problema, e elas sabem que o terreiro ou o templo evangélico tem como resolvê-lo.

Geralmente, quem procura ajuda espiritual para um problema material, em terreiro ou igreja, é porque está necessitado. Por mais que essa necessidade acometa muito mais aquelas pessoas carentes de recursos financeiros, ela está ligada àquelas que buscam soluções imediatas, independente de condição financeira ou social. Nesse sentido, a

² “Ela venceu o mal”. Folha Universal. Ed. nº 631, 09-05-04. p. 8A

clientela tende a ser uniforme, pois há um mal que precisa ser sanado, um problema que precisa ser resolvido, uma crise que precisa ser superada. Desse modo, entende-se o estabelecimento de uma dupla relação: a igreja e o terreiro sabem que podem curar e tratar; as pessoas sabem que podem ser curadas e tratadas nestes locais.

A caridade está presente em todos os segmentos da vida social dos adeptos da umbanda, aquela idéia de simples distribuição de alimentos (sopa) por parte dos espíritas e umbandistas, tão presente no senso comum, contradiz o que iremos verificar na fala abaixo.

“Aqui na nossa casa temos um trabalho social com distribuição de remédios, de alimentos, a gente orienta as pessoas a irem ao medico além do trabalho que nos temos com a medicina alternativa, com as ervas, essas coisas, aí temos também a orientação, aquelas pessoas que trazem remédios homeopáticos de outras casas para nós. Nós fornecemos alimentos, roupas, cestas-básicas. Isto tudo é arrecadado junto da irmandade, não que a gente tenha uma verba. Nós tivemos uma parceria com a AMASS, que nos deu várias consultas médicas, inclusive tem até pessoas que estão no caminho de aposentar com esse trabalho que foi feito. Então o papel social que a umbanda tem na sociedade é muito amplo, no sentido de ajudar várias classes sociais, até o rico mesmo, que ele tem a condição financeira de estar procurando um medico e ele vai lá e não é bem servido, ou não dá certo com aquele medicamento, ele vem no terreiro e através do preto-velho, é passado para ele remédios que é feito a base de ervas, banhos e este tipo de coisa e é proveitoso o trabalho.”³

As tentativas dos terreiros umbandistas de Uberlândia em buscar novos campos no assistencialismo fazem deles uma espécie de extensão dos serviços de assistência social do poder público. As parcerias com organizações de serviços públicos permitem aos terreiros fazerem um elo entre seus adeptos e os serviços de utilidade pública e de saúde. A marginalização e a exclusão pela qual passa a principal camada social dos fiéis umbandistas, deixam-nos a mercê das precariedades burocráticas dos sistemas de saúde pública e previdência social. Ao conseguir uma consulta médica ou uma pensão (aposentadoria) para os seus membros, os terreiros conseguem criar mais um laço, que absorve e mantém seu público por um outro meio que não o espiritual e sagrado.

Uma questão que podemos pensar sobre essa diversidade assistencialista é o fato de que a distribuição quase que exclusiva de alimentos resolve em parte o angustia do fiel, o que faz dar margem a ele a buscar ajuda em outra denominação religiosa, que poderá lhe oferecer alternativas de assistência médica e educacional, oferta de emprego e outros

³ MARIA IRENE ARANTES. Entrevista, 10-07-04.

serviços. A simples doação de alimentos é pouco para manter sob seu campo espiritual pessoas para as quais a carência é a qualidade central de todos os ingredientes necessários a sua subsistência. A fome é só um ponto pequeno a ser combatido por uma religião, que se apresenta e busca fiéis utilizando-se de ações filantrópicas, daí a necessidade dessa diversidade assistencial que nos relatou Mãe Irene.

Durante as visitas aos terreiros, era possível visualizar claramente que fazer obrigações, fazer o bem a quem precisa, ajuda a controlar o estado de ansiedade, proporciona um alívio a pessoas que compartilham o pouco que têm dentro do universo umbandista.

“É aquelas pessoas que não tem muitas condições, elas consegue muita ajuda com a irmandade. Meu afilhado mesmo, quando ele nasceu muita gente lá que já tinha um carrinho usado, umas roupinhas, fraudou tudo pra mãe dele, porque né coitada, mãe solteira e desempregada. Então ela teve muita ajuda, ganhou muita ajuda de todo pessoal. Tem gente também que passa falta das coisas em casa, aí nesse caso um dá um macarrão, o outro dá uma caixinha de leite e aí vai. Quando a pessoa tá doente e precisa de um remédio, e remédio você sabe que é muito caro, eles falam lá na frente o nome do remédio e pergunta se alguém tem em casa, que já usou e não precisa mais, aí se alguém tem leva depois. Eu mesmo já levei dois remédios um pra dor de garganta e o outro é um colírio lá para um pessoal lá que eu acho que nem era do terreiro, mais o negócio é ajudar né, fica lá em casa não to usando mesmo, então a gente doa.”⁴

A solidariedade umbandista ameniza os problemas que as forças espirituais não solucionam, cria uma cadeia de relações, na qual a comunidade do terreiro passa a ser uma extensão da família, o que é bem visível no número significativo de apadrinhamento entre os seguidores. Toda essa solidariedade contrasta-se ao individualismo neopentecostal, o contato da pessoa com Deus não pode se dar pelo “caminho do vizinho”, ou seja, você não pode pedir para ninguém pagar seu dízimo ou oferta e nem redistribuí-lo entre os membros da família, cada pessoa tem o seu dízimo e cabe exclusivamente a ela honrar com essa obrigação, da mesma forma a benção também não vem de forma coletiva, somente aquele que honra regularmente seu compromisso com Deus é agraciado, nisto, vemos que a salvação para eles também é individual. Caso um membro da igreja seja afetado por uma crise financeira, isto é resultado da sua falta de crença na obra de Deus, o que faz abrir uma brecha para a entrada do demônio. Os fiéis que passam por problemas financeiros são incentivados a participar das campanhas de prosperidade, por meio de dízimos e ofertas (os

⁴ LIGIA APARECIDA NUNES RODRIGUES. Entrevista, 15-11-04.

quais, esses fiéis, nem tenham mais condição de oferecer) recebem conselhos, orações, estímulos e promessas de bênçãos por parte dos pastores. Essas igrejas não contam com tipo algum de assistência social que ajude diretamente seus fiéis. Talvez a grande mudança que os neopentecostais promovam entre seus fiéis seja o convencimento de que ninguém deve permanecer na pobreza e de que todos realmente deixarão de ser pobres. Não foi possível perceber, durante a pesquisa, algum pastor ou obreiro estimular alguma atividade solidária entre seus fiéis, todos os pedidos de ajuda são dirigidos exclusivamente a Deus.

Entre os neopentecostais, vemos o oposto do que os umbandistas pregam em relação à caridade.

*“Caridade é ordem do dia em todos os centros e terreiros onde se pratica o espiritismo ou demonismo.(...) Se uma pessoa está sofrendo, dizem que é por falta de caridade e que seus ‘guias’ querem usa-la para, através dela, fazerem caridade a fim de que possam evoluir no plano espiritual. Presta-se caridade de pessoas para os ‘guias’.(...) Uma senhora, depois de passar vários anos servindo os espíritos que são, nas palavras de Jesus, demônios, conversando com um médium mais experimentado, este a aconselhou a prestar caridade porque os seus ‘guias’ estavam desesperadamente desejosos de trabalhar em cima de seu ‘aparelho’ (era bruxaria fina), e então ela saiu em campo. Começou visitando orfanatos, asilos, etc. lavava roupas para os velhinhos; fazia costuras variadas para as crianças; dava banhos, cozinhava, e assim foi vivendo. Acontece que, quanto mais fazia, mais e sofria e todas as vezes que voltava de uma destas romarias de caridade, vinha com terríveis dores de cabeça. O fato é que os demônios, para darem a impressão de bons espíritos, procuram enganar as pessoas com a caridade, com amor ao próximo etc., coisas essas que não tem verdadeiro sentido se não forem feitas com profundo amor cristão e total submissão a Deus.”*⁵

Se, de um lado os umbandistas têm na caridade um de seus principais pontos de atração de fiéis, os neopentecostais a negam, pois, como pôde ser observado, é considerada como uma prática de que o demônio utiliza-se para convencer as pessoas sobre suas possíveis “virtudes” e, com isto, não desenvolvem atividades filantrópicas entre seus membros. Como a maioria dos fiéis neopentecostais são pobres, pouco escolarizados e mais expostos ao desemprego, vez ou outra, alguns deles necessitam de algum tipo de ajuda, porém, o foco das ações assistencialistas das igrejas são os perdidos ou não libertos dos demônios responsáveis pela miséria.

⁵ MACEDO, Edir. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios. Rio de Janeiro: Universal, 2000. p. 81, 82.

Contra a crença tradicional, segundo o pentecostalismo clássico, de que a melhor parte da vida está reservada para o “paraíso”, a preocupação dos neopentecostais é com esta vida, o que interessa para eles é o “aqui e agora”. Para isto, eles pregam que o indivíduo deve buscar sua felicidade é em vida, valem-se para tal, da doutrina da “Teologia da Prosperidade”, a qual defende que os homens são destinados a serem prósperos, saudáveis e felizes neste mundo. Ricardo Mariano afirma que a “Teologia da Prosperidade” veio estabelecer que o mundo deve ser de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, mas, para isso, são necessárias doses imensas de fé.⁶ Para incorporar as proposições dessa doutrina, são reiteradamente expostos casos em que a adoção dessa doutrina foi condição para a transformação da realidade vivenciada:

“O mês de julho está sendo esperado com muita expectativa pela família Góes. O motivo é a peregrinação que os Bispos da IURD farão ao Monte Sinai, no Egito. Os resultados obtidos nos anos anteriores fazem com que Pierre de Oliveira Góes, 32, e Waleska Monteiro da Silva, 24, estejam convictos de participar do propósito não é questão de só fazer mais um pedido a Deus, mas a definição de objetivos e a realização de seus projetos. (...) Ele lembrou, que no passado teve muitos problemas com o pai. (...) O desequilíbrio familiar deixou Pierre revoltado. Viver perigosamente passou a ser uma espécie de diversão. – Gostava de carros de alta velocidade, então participava de ‘pegas’, onde sofri dois acidentes. Ali eu conheci pessoas de má índole e comecei a praticar pequenos roubos para equipar meu carro. Não era por necessidade, mas uma força que me incentivava a viver daquela forma – admite. (...) Inconformado com sua situação financeira, Pierre começou a participar dos propósitos da Fogueira Santa. – Resolvi colocar a minha fé em prática, pois precisava de uma transformação. Mesmo sendo fiel a Deus eu trabalhava como empregado, e em funções que nunca me permitiriam crescer, então decidi que nunca mais iria trabalhar como empregado. Participei da fogueira e abri minha empresa, a Axt Sistemas e Telecomunicações Ltda.(...) Outras vitórias foram obtidas por ele: carros, casa de veraneio, lancha, jet-ski, etc. e o casal nem pensa em parar de participar da Fogueira Santa.”⁷

Segue na reportagem fotos do entrevistado com seus carros e andando de jet-ski. A Fogueira Santa de que fala a reportagem é uma campanha (“Fogueira Santa de Israel no Monte Sinai”) promovida pela Universal, na qual a pessoa por meio de um sacrifício financeiro, prova sua fé a Deus e recebe dele os pedidos que são colocados dentro de um

⁶ MARIANO. Op cit.

⁷ “Sonhos realizados com a Fogueira Santa”. Folha Universal. Ed. nº 639, 04-07-04. p. 7B.

envelope junto com o dinheiro.* A todo momento, nos cultos que antecedem a campanha, o público é bombardeado com relatos que seguem o mesmo perfil desse acima, pessoas que passavam por diversos problemas, a maioria deles financeiros, e que, por meio da fé, do esforço próprio e do trabalho da igreja, atingiram a plena prosperidade. A espiritualidade do fiel é provada mediante o poder de aquisição e exibição de bens, da saúde em boas condições e da vida sem maiores problemas ou aflições. O lançamento dessas igrejas no incentivo aos fiéis, pela busca da riqueza material, pode estar ligado ao fato de que fiéis com vencimentos salariais mais altos projetam arrecadações de dízimos e ofertas também maiores.

“A Teologia da Prosperidade subverte radicalmente o velho ascetismo pentecostal. Promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo ela, a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante a salvação. Seus defensores dizem que Jesus veio ao mundo pregar o evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico, tem grande prazer no bem estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não tem respaldo nem sentido bíblico. Os reais servos de Deus não são nem nunca serão parias sociais. Durante muito tempo o Diabo obscureceu a visão dos crentes a respeito destas verdades, mas, agora, conscientes da ardileza satânica, eles começam a tomar posse das promessas divinas.”⁸

Podemos perceber que todo esse cenário está presente nas discussões que Max Weber efetua com as doutrinas estabelecidas pelo calvinismo. Todas essas questões que envolvem a Teologia da Prosperidade podem ser analisadas, fazendo um paralelo ao que Weber aborda em uma de suas obras, *“A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”*.⁹

Weber sugere a possibilidade de uma relação existente, de algum tipo de afinidade, entre os valores presentes na época do surgimento do capitalismo moderno (dentre esses valores, temos a busca da riqueza, a acumulação de capital) da ética calvinista. Com o desenvolvimento do capitalismo, o trabalho torna-se uma mercadoria com valor determinado, o operário e o burguês passam a viver em função de suas atividades, trabalhando de forma a honrar com todos os compromissos financeiros estabelecidos. Esta

* Campanha veiculada exaustivamente na afiliada da Rede Record (de propriedade da igreja Universal) em Uberlândia (TV Paranaíba) nos horários dos programas evangélicos em clipes de forte apelo emocional

⁸ MARIANO. p. 159.

⁹ WEBER. Op. cit.

é uma questão que Weber aponta para entender a ética que envolve o espírito capitalista. Para isto, ele utiliza-se de algumas expressões do norte-americano Benjamin Franklin, publicadas no século XVIII:

*“Aquele que é conhecido por pagar pontual e exatamente na data prometida, pode, em qualquer momento, levantar tanto dinheiro quanto seus amigos possam dispor. Isto é, às vezes, de grande utilidade. Depois da industriiosidade e da frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que a pontualidade e a justiça em todos os seus negócios; portanto, nunca conserve dinheiro emprestado uma hora além do tempo prometido, senão um desapontamento fechará a bolsa de teu amigo para sempre.”*¹⁰

De acordo com a doutrina calvinista, para estarem seguros quanto à sua salvação, ricos e pobres deveriam trabalhar sem descanso, em favor do que lhe foi destinado por Deus, glorificando-o por meio de suas atividades produtivas. Um dos resultados desta ética, eram trabalhadores disciplinados que buscavam, a todo esforço, o objetivo de vida que lhe era desejado por Deus, ou seja, que todos os indivíduos abençoados atingissem a prosperidade material. A partir daí, vários proprietários de terras e empresas sentiam-se glorificados por Deus, por estarem inteiramente dedicados à produção da riqueza. Para os calvinistas, ser pobre era algo absurdo, significava que o indivíduo, nessas condições, não tinha a benção divina. A prosperidade era o resultado de uma vida santificada, sendo que o mal não estava na posse da riqueza, mas no seu uso para o prazer, para o luxo e a preguiça. *“O trabalho vocacional é, como dever de amor ao próximo, uma dívida de gratidão à graça de Deus (...) não sendo do agrado de Deus que ele seja realizado com relutância. O cristão deve assim ‘mostrar-se industrioso em seu trabalho secular’”*.¹¹

Durante o século XIX, lideranças metodistas esforçaram-se em manipular espiritualmente as classes mais pobres, com um objetivo focado na submissão dessas classes, tornando-as mais suscetíveis à disciplina no trabalho, que se fazia necessário aos interesses burgueses. Thompson permite-nos perceber como a religião (o metodismo) contribuiu para a disciplina dos trabalhadores nesse período. Segundo o autor, camponeses e artesãos estavam acostumados a ganhar o valor necessário à satisfação de sua subsistência, não estavam habituados à rotina de trabalhar mais para ganhar mais, ao

¹⁰ Ibid. p. 30.

¹¹ Ibid. p. 205.

conseguirem o valor necessário a seus propósitos, abandonavam as fábricas e retornavam a suas casas. Uma tarefa importante para o sistema fabril foi fazer esses trabalhadores abdicarem de seus costumes indisciplinados e incorporarem hábitos regulamentados pelas indústrias. Thompson aponta que a religião foi fundamental em fazer os trabalhadores adquirirem “*hábitos metódicos*”, indispensáveis à disciplina industrial, assim, “*na década de 1820...a maioria dos tecelões estava profundamente imbuída das doutrinas metodistas*”.¹²

“(...) O sistema fabril requer a transformação da natureza humana, e os ‘paroxismos de trabalho’ do artesão e do trabalhador externo devem ser metodizados até que o homem se adapte à disciplina imposta pela máquina. Como inculcar, contudo, estas virtudes disciplinares em indivíduos que, a menos que se tornem contramestres, dificilmente trariam proveito temporal de uma postura piedosa? Isto só pode ser conseguido inculcando-se ‘a primeira e mais importante lição...de que o homem deve aguardar por sua maior felicidade na vida futura, não na presente’. O trabalho deve ser considerado como um ‘puro ato de virtude’... inspirado pelo amor de um ser transcendente, que age... sobre nossa vontade e nossas emoções’”.¹³

O desenvolvimento do aparato ideológico do sistema capitalista fez com que os fiéis neopentecostais se tornassem um público já disciplinado para entender a necessidade de se entregar ao trabalho, desta forma, se durante o século XIX havia a importância de “*Deus ser o contramestre mais vigilante entre todos*”¹⁴ para a manutenção da disciplina, os neopentecostais afirmam que hoje Ele é o sócio, dono de pelo ao menos 10% de tudo que seja do fiel, como enfatiza o Bispo Macedo: “*as bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus.*”¹⁵ Assim, podemos visualizar a mesma afinidade desse metodismo com o capitalismo – a qual temos como base as proposições acima – no movimento neopentecostal, porém sendo este uma espécie de complemento do outro. Se o metodismo serviu como ferramenta na “dominação” dos trabalhadores, o que favoreceu no impulso das forças capitalistas, segundo a análise de Weber, os neopentecostais são, de certa forma, a ferramenta que administra hoje essa “dominação”, colocando para seus fiéis valores como a

¹² THOMPSON. Op. cit. p. 236.

¹³ Ibid. p. 239.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ MACEDO, Edir. Nos Passos de Jesus. Rio de Janeiro: Universal, 2004. p. 65.

iniciativa pessoal, a ética no trabalho, a pontualidade, honestidade; a total rejeição à promiscuidade, ao alcoolismo e às drogas; tais questões permitem ao fiel sua continuidade no emprego e, conseqüentemente, nos compromissos financeiros com a igreja.¹⁶

As lideranças neopentecostais em Uberlândia, nos momentos de reunião com os fiéis, não profetizam críticas às injustiças e desigualdades sociais e, muito menos, aos desequilíbrios e explorações econômicas do mundo globalizado. O fato de vez ou outra a igreja Universal publicar semanalmente, na *Folha Universal* (jornal que é produzido em nível nacional por esta igreja e distribuído gratuitamente), reportagens que tratam de assuntos sociais como o desemprego, a miséria e violência, são matérias destinadas a mostrar ao público externo a aparente preocupação da igreja com tais problemas, podendo até mesmo constituir um atrativo a mais para captar um número maior de leitores, porém, em momento algum das celebrações, são tecidos quaisquer comentários sobre tais reportagens.*

Para esse grupo pentecostal, o dinheiro ganhou valor teológico, tornando-se até objeto de cultos especiais, juntando tudo, o que vemos é uma religião que escancara uma ambição materialista e imediata na relação com Deus, assim, podem estar aí as razões de não adotarem ações filantrópicas.

A pesquisa fez-nos perceber que a caridade constitui uma das bases que, em tese, sustenta a religião umbandista, o que não quer dizer que a religião cultue a miséria como forma de manutenção e domínio de seu público. A umbanda, assim como os neopentecostais, rompeu com a idéia de que esta é mais uma terra de sofrimentos onde devemos ajustar contas por atos de nossas vidas passadas, como preconiza a concepção kardecista. A umbanda herdou do candomblé a idéia da obrigação que todos têm em gozar o mundo da forma mais intensa possível, expressando a questão da realização do homem por meio da conquista da felicidade terrena e rompendo com a noção kardecista de carma (o que somos hoje é reflexo do que fomos em outra vida passada), que prega a culpa e o conformismo.

“(...) Com a prática da oferenda ritual, que propicia os deuses a nosso favor, a umbanda reafirma a possibilidade de mudança da ordem, de intervenção no

¹⁶ CAMPOS JR. Op. cit.

* Durante o período em que me dediquei às visitas aos templos neopentecostais, não foi possível perceber tal questão.

mundo de acordo com interesses e vontades individuais. É necessário que cada um procure a sua realização plena, mesmo porque o mundo com o qual deparamos é um mundo que valoriza o individualismo, a criatividade, a expansão da capacidade de imaginação, a importância de 'subir na vida'. Este por menos é essencial.”¹⁷

Diante dessa forma de conceber o mundo, foi possível presenciar durante algumas celebrações, que a umbanda, de certa forma, também incentiva uma mobilidade social que é aberta a todos, sem distinção de classe ou cor, apresentando um discurso de que cabe a cada um mudar o mundo a seu favor. Para isto, a religião oferece um instrumento a mais, que, segundo eles, se trata das oferendas*, as quais deixarão os fiéis mais próximos das realizações pessoais e as divindades mais aptas a atendê-los.

A questão da caridade traz um atributo controverso na relação entre umbanda e neopentecostalismo, muitas pessoas procuram ambas religiões, justamente pelo posicionamento que elas tem em relação à miséria. Como há pessoas pobres que procuram a umbanda para obter uma ajuda material para amenizar sua angústia, por meio de uma cesta-básica, há pessoas, também pobres, que vão às igrejas neopentecostais para receber conforto e estímulo espiritual de que é possível ela superar sua condição atual, por meio da revolta contra qualquer miséria, que, só assim, a levará a uma condição melhor de vida. De certa forma, isto nos leva a pensar que, caso os umbandistas convivam com a miséria, os neopentecostais a negam, consideram-na como o maior resultado da ação demoníaca e, por isto, desenvolvem um forte discurso em cima da prosperidade financeira.

A captação de fiéis parece funcionar seguindo uma lógica de mercado, pela qual cada religião tenta convencer o fiel em relação à conveniência e qualidade do seu serviço. A necessidade do gasto monetário passa a ser uma “obrigação” para o fiel iniciar e permanecer nessas religiões, pois é preciso “agradar” tanto aos deuses como ao próprio Deus, para conseguir suas bênçãos, como será possível analisar a seguir.

¹⁷ PRANDI. Op. cit. p.100.

* A oferenda é uma espécie de presente aos deuses, em que se pede algo em troca. “O ato de dar e receber presentes implica um tipo de associação. Quem dá e quem recebe ficam unidos; e o objetivo das oferendas é também, em parte, alcançar uma comunhão com os deuses”. Sobre isto ver: GAARDE, J., HELLERN, V. e NOTAKER, H.. O Livro das Religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAPÍTULO III

“GUERRA OU CONCORRÊNCIA”

RELIGIÃO DE CONSUMO

A religião tornou-se uma mercadoria que vale o quanto representa sua eficiência perante os problemas cotidianos da vida. Nesse sentido, a exaltação do sagrado, a recuperação da relação do mundo material com o sobrenatural, da-se por via dessas religiões de consumo, essas “*ditas mágicas ou do ‘aqui e agora’*: as neopentecostais e as afro-brasileiras”.¹ Uma das características fundamentais dessas tendências religiosas é que elas são religiões em que se paga.

*“Não, não fica não, mas tem trabalho que a pessoa gasta dinheiro, já vi terreiro aí na cidade onde as pessoas vai fazer trabalho que sai um pouco caro. A pessoa tem que viajar, ir em cachoeira, em mata e aí né, você pega as coisas que tem que comprar, mais o dinheiro que vai gastar para ir até esses locais, aí sai um pouco caro.”*²

*“O dinheiro é fundamental na Obra de Deus. Ele é capaz de transformar o curso deste mundo, através da mensagem viva e poderosa do Evangelho do Senhor Jesus Cristo. O dinheiro é tão importante na obra de Deus que Ele nos dá condições de prova-lo exclusivamente na parte financeira.(...) O dízimo foi instituído pelo Senhor como uma espécie de imposto às criaturas. Cidadão de todas as nações tem obrigação de pagar impostos aos seus governos, a fim de que eles venham a beneficiar seus países. Também o Senhor Jesus, através dos nossos dízimos, faz-se chegar e beneficiar aqueles que estão nas trevas, através da difusão do Evangelho pelo rádio, jornal ou televisão, em todo o mundo.”*³

Se o catolicismo deixa, em grande medida, o fiel livre de seus compromissos financeiros para com a igreja, as religiões de consumo exigem o pagamento pelos seus bens de serviço: nas afro-brasileiras, “*os deuses necessitam alimentar-se*”; nas tendências

¹ PIERUCCI e PRANDI. Op. cit.

² LIGIA A. N. RODRIGUES. Entrevista. 12-11-04.

³ MACEDO, Edir. Nos Passos de Jesus. Rio de Janeiro: Universal, 2004. p. 61, 62.

pentecostais é preciso que se pague para que o indivíduo conheça a “palavra” e consiga alcançar uma vida de abundância ao lado do Senhor. Nas neopentecostais, essa concepção sobre a pobreza transforma numa espécie de relação, que resulta num “aqui e agora”, em que a pobreza é vista como obra do inimigo e, portanto, indigna do filho de Deus. Enquanto nas afro-brasileiras o dinheiro é encaminhado a satisfação alimentar dos deuses, nas neopentecostais, é claramente “*dando que se recebe*”. O paradoxo é que essas religiões propagam-se e possuem grande aceitação entre as camadas menos favorecidas materialmente e entre os de baixa escolaridade na sociedade.

“A expansão das religiões cuja filiação depende de gastos elevados em ritos de iniciação ou contribuição financeira sistemática, obrigatória e em montantes expressivos em face dos escassos rendimentos dos adeptos, tem alterado substancialmente a concepção que se faz entre religião e compromisso financeiro; a religião vai deixando de ser entendida como pública, isto gratuita, um direito de todos em nossa cultura, para se tornar privada. É preciso pagar para fazer parte dela.(...) Nas religiões afro-brasileiras, os deuses têm fome e é preciso alimentá-los.(...) toda clientela que recorre ao terreiro para resolver problemas pelo caminho mágico, e que não se integra a religião, faz parte de um fluxo de dinheiro que garante a vida da comunidade de culto: paga-se pelo jogo de búzios, que desvenda os problemas, e paga-se pelo ebó, a oferenda que agrada os deuses, que resolve as aflições.(...) Pais e mães famosos podem cobrar mais caro pelos seus serviços. A propalada eficácia define preços, faz-se propaganda, compete-se duramente pela clientela.(...) É no pentecostalismo que se colocou mais decisivamente a questão do pagamento da religião e da expansão religiosa financiada seguidamente por todos seus adeptos.(...) A prosperidade está aberta a todos, mas em troca é preciso se dar o que tem para a igreja, quanto mais melhor, de preferência tudo. Quanto mais se dá para Deus, mais se recebe, e isso não é mera retórica. São inúmeras as estratégias e os jogos operados por pastores nos cultos para a extração do dinheiro. O ato de dar o dinheiro, com a certeza de que vai voltar, acrescido, é um gesto do investidor. Para os crentes de negócio, os pequenos empresários, os desejosos de se estabelecerem, a nova religião oferece possibilidades de progresso mais ambiciosa; é possível fazer de Deus um sócio nos negócios e prosperar sem limites.”⁴

A programação dos cultos, nas igrejas neopentecostais e nos terreiros umbandistas, segue um “cardápio” de trabalhos, nos quais, a cada dia da semana, se oferece um “produto” diferente, de que seus clientes necessitam em suas vidas. Em grande parte dos terreiros umbandistas, os trabalhos são realizados apenas duas vezes por semana. Pegando, como exemplo, a Tenda Coração de Jesus, os trabalhos são efetuados as quartas e sextas-

⁴ PIERUCCI e PRANDI. p. 268, 269, 270.

feiras. Em cada quarta-feira, ocorrem os trabalhos com caboclos, pretos-velhos e baianos (cada entidade é cultuada isoladamente em cada dia, assim, há uma variação maior de espíritos cultuados em um mês), cada um destes espíritos oferece em tipo de serviço a um determinado tipo de problema (o ritual da cura dos caboclos, utilizado para a cura de alguma doença; as orientações dos pretos-velhos, para as pessoas com dúvidas ou problemas familiares; os banhos de ervas dos baianos, para “limpar o corpo” e fluidificar o espírito). Nas sextas-feiras, os trabalhos são realizados com os Exus, as pessoas fazem seus pedidos e são orientadas pelos guias a se dedicarem a alguma atividade para serem atendidas, na maioria dos casos, são orientadas a fazerem algum tipo de oferenda. Nas igrejas neopentecostais, os cultos são executados todos os dias da semana a programação segue atendendo aos mais diversos problemas, como podemos observar no quadro abaixo, que traz o tipo de celebração de cada dia, publicado semanalmente pelo jornal *Folha Universal*.⁵

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO	DOMINGO
Reunião dos Empresários com 318 Homens de Deus	Sessão Espiritual do Descarrego	Corrente do Novo Nascimento	Reunião dos Homens e Mulheres de Deus	Novena da Vitória da Matéria	Jejum das Causas Impossíveis	Reunião do encontro com Deus
					Terapia do Amor	Reunião do Tratamento Espiritual

Como a umbanda e o neopentecostalismo são religiões que agora atingem a todos pela multiplicidade de serviços de que elas dispõem, elas enfatizam a idéia de que a competição na sociedade pela hegemonia espiritual é bem mais acirrada do que se podia pensar. É preciso chegar a níveis de conhecimento sócio-espiritual mais densos, os quais o poder religioso tem amplas possibilidades de fazer aumentar. Como verdadeiras agências de serviços mágicos, oferecem a devotos e não-devotos a possibilidade de encontrar solução para problemas não resolvidos por outros meios, sem maiores envolvimento com a religião. Entre os neopentecostais, o dinheiro tem verdadeiro caráter sagrado.

“O Espírito Santo nos fez compreender que o dinheiro na sua Obra é o sangue da Igreja do Senhor Jesus Cristo, pois a sua utilização, através de um meio qualquer de divulgação, faz pessoas receberem a vida eterna dentro de um lar,

⁵ Folha Universal. Ed. nº 620, 22-02-04.

*hospital, presídio, etc.(...) Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, reprimendo os espíritos devoradores que desgastam a vida do ser humano e atuam nas doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana que fazem o homem sofrer.”*⁶

Para os fiéis neopentecostais, o pagamento do dízimo e das ofertas é entre eles perfeitamente plausível, uma vez que tudo que é doado a favor da obra de Deus é retribuído por Ele na cura de uma doença ou na obtenção de um emprego. Porém as promessas que são feitas pelos pastores durante os cultos não se deslocam muito da realidade financeira dos fiéis. Numa participação de culto na Internacional da Graça, os testemunhos de prosperidade verificados naquele dia (01-02-04) não diziam respeito a ocorrências milagrosas muito discrepantes da realidade, como, por exemplo, um enriquecimento precoce ou a cura de uma doença até então incurável, mas que, de certa forma, eram “bênçãos” e poderiam representar algo muito valioso para quem as conseguia. As pessoas que prestaram os testemunhos diziam que, após terem feito um sacrifício – nestas igrejas estão sempre ligados a relações monetárias –, obtiveram uma promoção no serviço, um lucro maior em determinada transação, o recebimento ou a quitação de uma dívida, realizaram ou abriram algum negócio. Foi possível muitas vezes, perceber nos cultos neopentecostais que freqüentamos, o discurso de que era possível até mesmo um enriquecimento precoce, desde que o crente não relutasse, em nenhum momento, a contribuir com a igreja, diante da idéia de que por mais se pareçam promessas sem fundamentos, os pastores afirmavam uma vez que Deus pode tudo, mas nos testemunhos verificados nos cultos, no rádio ou televisão e nos periódicos, foi encontrado relato de benção tão generosa em termos financeiros.

Para os umbandistas, o valor monetário se expressa na aquisição de materiais para trabalhos.

*“Não, eu vou direto, mas é claro que quando a gente tem problema, a gente vai lá pedir alguma orientação pro preto-velho, vai lá dá uma descarregada nos maus fluidos, receber uma benção. O negocio não é só chegar lá e pedir ajuda hora que tá precisando, tem que ir lá agradecer também, fazer um agrado pro orixá, pra entidade.”*⁷

⁶ MACEDO, Edir. Nos Passos de Jesus. Rio de Janeiro: Universal, 2004. p. 60, 61.

⁷ LIGIA A. N. RODRIGUES. Entrevista. 12-11-04.

Indagada sobre que tipo de “agrado” seria este, nossa entrevistada falou: “A é acender uma vela, levar uma comidinha pra eles, essas coisas, então não é só você ficar azucrinando eles com problemas, tem que saber agradar também.”⁸

A relação que os fiéis umbandistas expressam com dinheiro reside na obrigatoriedade de iluminar os caminhos e alimentar os guias espirituais. Quando se passa a fazer parte da religião ou a procura para um determinado trabalho, a pessoa é inserida em um duro período de prova financeira, pois há necessidade de comprar aves ou animais, objetos, roupas, adornos, comidas e bebidas. O fiel tem responsabilidade direta no sustento dos seus deuses, que são “particulares e intransferíveis”. A divindade umbandista necessita de uma vela, de um charuto ou cachimbo, a pessoa ao consultá-la, deve agradá-la com tais presentes, que devem ser adquiridos com seus próprios recursos*, ainda que estes sejam escassos.

BATALHA ESPIRITUAL

As religiões evangélicas (neopentecostais) e mediúnicas (umbanda) são, entre si, os maiores concorrentes no mercado de soluções simbólicas e prestação de serviços religiosos para as massas. A possibilidade de uma ser obstáculo à expansão da outra, levam-nas a promover um desafio evangelístico a ser vencido no terreno da “guerra espiritual”.

O bispo da igreja Universal, Renato Maduro, apresenta-nos a missão da qual os neopentecostais se acham os verdadeiros escolhidos de Deus para desempenhar a luta contra o mal.

“O apóstolo mostra que a igreja está lutando contra a potestade (autoridade) de satanás, para livrar o homem de suas garras. Nós, como Igreja, estamos travando uma guerra contra um exercito que tem uma liderança que lhe confere autoridade. Por esse motivo encontramos tanta resistência quando vamos evangelizar nas ruas, orar pelos enfermos, expulsar demônios ou realizar qualquer outro tipo de trabalho para libertar as pessoas. É justamente nesses momentos que enfrentamos abertamente a força do exercito inimigo. Ele abre guerra contra nós com o objetivo de impedir que a Igreja do Senhor Jesus

⁸ Ibid.

* A pessoa não conta com ajuda financeira efetiva do terreiro, quando o fiel não possui condições mínimas de estar ao menos comprando uma vela, ele recebe ajuda de outros membros do terreiro.

*assuma o lugar que lhe foi dado através da cruz do Calvário, de autoridade sobre todas as coisas que se levantam contra Deus.”*⁹

Nas passagens bíblicas sobre a vida de Cristo e na ordem atribuída aos discípulos de, em seu nome, expulsarem os demônios, é que os neopentecostais baseiam-se para justificar suas crenças sobre os demônios e se embrenharem em uma verdadeira “guerra”.

Os principais líderes do movimento neopentecostal, o Bispo Edir Macedo – fundador da igreja Universal do Reino de Deus – e o missionário R. R. Soares – fundador da Internacional da Graça de Deus – possuem publicações destinadas exclusivamente ao ataque às tradições afro-brasileiras. Em *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios* produzido por Macedo, e *Espiritismo: a magia do engano*, escrito por Soares, não faltam afirmações preconceituosas que constroem e desrespeitam elementos essenciais que compõem a cultura afro-brasileira.

*“O que acontece no espiritismo, na verdade, justificaria chamá-lo de fábrica de louco. Engano, desequilíbrio mental e nervoso, crime, loucura, possessão e opressão demoníaca, prostituição, pederastia, lesbianismo, idolatria, etc. Há muito charlatanismo nos terreiros. Na quimbanda, há exus protetores de pederastas, de viciados, de valentões, de ladrões, etc. Muita bebida, principalmente cachaça é consumida por seus adeptos. O candomblé é uma das religiões mais diabólicas que a humanidade já conheceu. Na umbanda, os demônios são até adorados como deuses, a quem prestam cultos e sacrifício.”*¹⁰

*“(...) Com nomes bonitos e cheios de aparatos, os demônios vem ganhando as pessoas com doutrinas diabólicas. Chamam-se orixás, caboclos, pretos-velhos, guias, espíritos familiares, espíritos de luz, etc (...) Umbanda, quimbanda, candomblé, Bezerra de Menezes, esoterismo, etc., são apenas nomes de seitas e filosofias utilizadas pelos demônios para se apoderarem das pessoas que a eles recorrem, ora buscando ajuda, ora por mera curiosidade.”*¹¹

As igrejas Internacional da Graça e Universal do Reino de Deus são imbatíveis no combate direto aos demônios. Elas dizem, a todo o momento, colocar à mostra as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus, caboclos etc., e ensinar a fórmula para que o indivíduo se liberte do seu domínio. Essas igrejas procuram incorporar seus fiéis numa luta incessante contra os espíritos das trevas, elas afirmam

⁹ MADURO, Renato. Batalha Nossa. Rio de Janeiro: Universal, 1997. p. 22.

¹⁰ SOARES. Op. cit. p. 84.

que, por ser o Brasil um grande “*terreiro de macumba*”,^{*} os cultos de libertação devem ser dirigidos especialmente aos adeptos e simpatizantes das religiões afro-brasileiras.

Durante a participação em uma sessão de exorcismo na igreja Internacional da Graça (localizada na avenida Floriano Peixoto, 1000), percebemos que a dramatização que envolve o confronto das forças divinas contra as demoníacas e o espetáculo que se cria em torno desses rituais cumprem bem o papel de demonstrar a veracidade dessa luta para as pessoas presentes. O exorcismo, que ali é praticado aos olhos de todos, aparece como demonstração da prática do poder de Deus sobre os demônios.

Sobre as encenações que rodeiam esses rituais de exorcismo das igrejas neopentecostais, podemos perceber uma relação direta com as proposições que Roger Chartier faz em relação às formas de teatralização da vida social como formas de representação. Segundo Chartier, essas ações fazem com o que é apresentado durante o ritual seja aquilo que transparece na representação, ou seja, toda luta que visa libertar a pessoa do mal (do encosto) é retratada fielmente naquela representação que a exhibe. Os “atores” – representados por pastores e obreiros – envolvidos na representação, como afirma Chartier, têm o poder de manipular tais signos, que passam a ser destinados a produzir ilusões e não apresentar as coisas como elas realmente são. Os fiéis, em estado de extremo êxtase, em virtude da fé e de todo aparato de produção que cercam as sessões de libertação^{**}, são levados a identificar os elementos envolvidos naquela representação como aspectos seguros de uma realidade, que se tornará, para eles, concreta. Os neopentecostais utilizam-se desta ferramenta como forma de manipular o imaginário de seus fiéis e provar o papel de sua igreja na luta contra “satanás”.

“A relação de representação é assim confundida pela ação da imaginação, ‘essa parte dominante do homem, essa mestra do erro e da falsidade’, que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como prova de uma realidade que não o é. Assim deturpada, a representação se transforma em

¹¹ MACEDO. Op. cit. p. 25, 37.

^{*} Durante um culto no templo maior da Universal, localizado na avenida João Naves de Ávila, 261, o pastor utilizou esta expressão para mencionar a mistura entre tradições africanas, indígenas e espíritas, o que faria do Brasil um lugar repleto de influência diabólica.

^{**} Quando se inicia uma sessão de libertação, ou descarrego, o pastor em um ritmo frenético começa a realizar pregações, invocando a manifestação do encosto, responsável pelas mazelas que afetam os presentes, para exterminá-lo na frente de todos, ao fundo das pregações, vem uma música (instrumental) que estimula o suspense e a imaginação de qualquer um dos presentes, em relação à manifestação da entidade com sua conseqüente expulsão.

máquina de fabrico de respeito e submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado, que é necessário onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata.”¹²

A esmagadora maioria dos evangélicos percebe e classifica as crenças, os rituais e os deuses dos cultos afro-brasileiros e espíritas como demoníacos. As primeiras vertentes pentecostais que chegaram ao Brasil tinham essa mesma percepção em relação aos cultos afro-brasileiros, porém, não os atacavam direta e sistematicamente, mantinham uma postura pacífica e circunscrita ao campo discursivo.¹³ A partir da década de 1980, com o início da ascensão das igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça, as religiões africanas passaram a sentir diretamente a hostilidade pentecostal em relação a suas crenças. Para os neopentecostais, os problemas pelos quais passamos aqui na terra, resultam da luta entre as forças divina e demoníaca no “mundo espiritual”. Engajados no lado divino acreditam deter uma autoridade divina para alterar a realidade indesejável do “mundo material”, atacando, agressivamente, o inimigo de Deus e da humanidade (inimigo este, segundo eles, representado por Exus, orixás e espíritos desencarnados).

“Esse espíritos também expressam sua personalidade sob outras formas e por diversos meios, tais quais a mídia, música, teatro, novelas, filmes, danças, e tantos outros. Fazem de tudo para influenciar as pessoas a agirem da mesma maneira que eles; transformaram-nas em verdadeiros robôs, zumbis ou clones.”¹⁴

Os neopentecostais enxergam a presença do Diabo em todos os lugares, afirmam a todo momento que os problemas que a pessoa enfrenta, sejam eles financeiro, sentimental ou de saúde, são frutos da presença dele em sua vida. O intenso trabalho na pregação dessa guerra espiritual faz com que os neopentecostais, durante suas celebrações, invoquem a manifestação de demônios em pessoas que passam pelos mais diversos tipos de problemas, para, assim, humilhá-los e exorcizá-los da vida daquela pessoa. As entidades da umbanda, os deuses do candomblé e os espíritos do kardecismo são vistos por essa vertente religiosa, como os responsáveis diretos pela infinidade de males e sofrimento que acometem as pessoas. Com isto, esse combate a orixás, pretos-

¹² CHARTIER. Op. cit. p. 22.

¹³ MARIANO. Op. cit.

¹⁴ MADURO. Op. cit. p. 45.

velhos e guias tornou-se um de seus principais pilares doutrinários, mas, para que este ataque fosse possível, eles se aproveitaram tanto do medo da macumba, da feitiçaria como de outros preceitos presentes no imaginário e na memória popular.

Para o missionário R. R. Soares, a extensão do campo de atuação do Diabo é quase ilimitada:

“(...) não existe nada que esteja fora da ação demoníaca. No futebol, na política, nas artes e na religião, nada escapa ao cerco do Diabo. Satanás tem milhares de agências no mundo (...) Por trás da religião, do intelectualismo, da poesia, da arte, da música, da psicologia, do entendimento humano e de tudo que temos contato, Satanás se esconde. Entre os centros de perdição estão as adegas, os prostíbulos, as casas de jogos de azar, os bares onde as pessoas se embriagam e tantas outras coisas que transtornam a vida dos homens são também agências do Diabo. O espiritismo não ensina seus adeptos a se afastarem delas; pelo contrário, bebidas alcoólicas, fumo, prostituição e coisas desse tipo são comuns principalmente no baixo espiritismo (...) O Diabo controla tudo. Há pessoas tão envolvidas com o espiritismo que têm sob controle dos espíritos desde a alimentação até sua vida sexual. Os espíritos também se envolvem com tudo. Cores de roupas, lugares onde passear, tipos de carne e de comidas, dias de lazer, pessoas com quem devem fazer amizades, filmes a que pode assistir, horário apara que pode anda pelas ruas, modo de se banhar.”¹⁵

Diante de adversário tão ativo, perigoso e poderoso, vem a necessidade de estar bem preparado para enfrentá-lo, isto faz com que os neopentecostais tenham a plena consciência da distinção de suas propostas de engajamento na guerra espiritual. Segundo Edir Macedo, sua *“igreja foi levantada para um trabalho espiritual, que se salienta pela libertação de pessoas endemoninhadas”*.¹⁶ A intransigência do discurso neopentecostal deriva da sua convicção de possuir, com exclusividade, a verdade divina e da auto-afirmação de serem os defensores espirituais da sociedade. Bispos, pastores e fiéis avaliam e criticam tudo à sua volta. Partindo de suas interpretações bíblicas, elegem as religiões mediúnicas como alvos prediletos de ataques e focalizam sua “agressividade” a esses grupos. Tudo que eles ignoram e combatem nos cultos espíritas e afro-brasileiros visa a convencê-los, como detentores exclusivos das verdades bíblicas que levam à salvação. Porém, ao cumprirem as ordens – supostamente divinas e exclusivas a eles – e impor sua verdade, avançam além dos limites dos templos, desencadeando uma intensa

¹⁵ SOARES, R. R.. *Espiritismo: a magia do engano*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1984. p. 27, 58, 71.

¹⁶ MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2000. p. 9.

prática de “intolerância explícita” – o que é perceptível em grande parte dos veículos de informações que eles possuem.

Os neopentecostais possuem uma série de publicações nas quais não poupam outras denominações religiosas de críticas, principalmente, as afro-brasileiras. Jornais, revistas e livros dedicam-se mais a chamar a atenção do leitor para o problema de outras religiões, em vez de pregarem sua doutrina e os ensinamentos bíblicos. No jornal *Folha Universal*, publicado semanalmente pela igreja Universal, não faltam depoimentos de pessoas, que, por pertencer a outros ramos religiosos, tinham a vida repleta de problemas e que, ao freqüentarem a igreja (Universal), tiveram suas vidas abençoadas e o fim de todos os problemas. Apesar desta ser uma prática de arrebanhar fiéis, está claro o ataque na mensagem de que os problemas são resultado da falta de uma atuação forte da igreja ou pela atuação dos encostos^{*}. O bispo Edir Macedo não esconde o papel fraco que várias igrejas vêm desempenhando e deixa isso bem claro, ao criticá-las, que estariam, ingênua e irresponsavelmente, pregando um evangelho “chocolate, ou água com açúcar” que não libertaria as pessoas da influência dos demônios.

“O apóstolo Paulo afirma que a igreja é um corpo, cuja cabeça é o senhor Jesus. Logo, não existe igreja fraca, a não ser sob o ponto de vista organizacional, onde encontramos comunidades realmente carentes do conhecimento do poder de Deus. Algumas se preocupam com tantos por menores que parecem não ter campo para exercer a autoridade que Jesus conferiu a seus seguidores; outras conhecem o poder de Deus teoricamente, através de estudos e palestras, sem o colocarem em prática. As chamadas igrejas tradicionais os clássicas que começaram fundamentadas no poder de Deus, mas, com o passar dos anos, deram lugar as tradições do homens, são exemplos de igrejas que podemos chamar ‘fracas’. Muitas se transformaram em verdadeiros clubes sociais e vivem da promoção de festinhas musicais, apresentações artísticas, shows e coisas desse tipo. Creio que há um demônio chamado ‘Exu Tradição’, que penetra sorrateiramente, obrigando os membros da igreja a atentarem tão somente para os usos, costumes e normas eclesiásticas, de modo que entra a fraqueza espiritual na comunidade e esta se esquece dos princípios elementares da fé.”¹⁷

^{*} Segundo a definição de José Guilherme C. Magnani, “trata-se de espíritos mortos ainda preso à matéria e que produz perturbações nas pessoas em que encostam, é o mesmo que alma penada na tradição do catolicismo”. Para os neopentecostais, são demônios representados por orixás, pretos-velhos e, principalmente, exus.

¹⁷ Ibid. p. 121.

Em seguida, vem o discurso de que ele (Edir Macedo) e sua igreja são os detentores do conhecimento divino, têm sua fé enraizada nos ensinamentos de Deus e estão aptos a livrar as pessoas do mal.

*“Grande e majestoso é o nosso Senhor Jesus Cristo! O Seu louvor estará sempre em meus lábios, pois me fez conhecer Seu poder! Graças a Deus, pertencemos a uma igreja que, embora tenha suas imperfeições, fundamente sua fé no poder de Deus. Temos certeza que o Espírito do Senhor nos tem dirigido, razão pela qual estamos pisando na cabeça de Satanás. Em nossas reuniões, os demônios são humilhados e até mesmo achincalhados, numa prova de que o Senhor está conosco. As pessoas são libertas e se transformam em novas criaturas de Deus.”*¹⁸

A dimensão das afirmações feitas publicamente pelos neopentecostais sobre as religiões mediúnicas, principalmente as de origem africana, reflete as tentativas da elite nacional no início do século XX, de apagar as feições negras da cultura nacional. O preconceito sobre a cultura negra ainda se sustenta na forte herança escravocrata de nossa sociedade, o fato de o negro ter sido condicionado a um sistema de discriminação e humilhação por longos três séculos, criou essa imagem de negatividade sobre grande parte dos elementos culturais que o circundam. O que as igrejas neopentecostais vêm fazer com essas afirmações é externalizar as práticas que a sociedade deixa implícitas nas suas atitudes.

Dentre as religiões afro, a umbanda é uma das que possuem maior presença na sociedade brasileira, uma das razões desta maior influência, deve-se a sua procura de respostas para o homem, quando este se vê diante de situações perplexas, de sofrimento e injustiça, oferecendo a resolução de problemas a curto prazo por meio de “fórmulas mágicas”, ela ainda revela questões importantes para o convívio social, como o cultivo das relações pessoais e o apadrinhamento. A umbanda atingiu seu nível de desenvolvimento apoderando-se dos valores socialmente legítimos, para se enquadrar como religião numa sociedade que lhe foi hostil desde o seu nascimento. Por representar uma das principais expressões da religiosidade africana, ela é o alvo predileto dos neopentecostais.

Como já foi constatado no discurso neopentecostal, os principais encostos que afligem a vida das pessoas são os Exus, caboclos e pretos-velhos. Ao longo da nossa

¹⁸ Ibid. p. 122.

discussão, percebemos que estas são as três entidades sobre as quais a umbanda fundamenta seus cultos, diante disto, o ataque neopentecostal maior será sobre suas doutrinas. Durante uma participação num culto da Internacional da Graça, denominado “*Desencapetamento Total*”, essas entidades umbandistas eram, a todo momento, mencionadas como responsáveis diretas pelos males que atormentavam todos ali presentes. Na participação em outro culto, na Universal, vimos uma manifestação semelhante. Durante a celebração, o pastor incentivava os fiéis a se inserirem na campanha da “Fogueira Santa”, na qual o sacrifício foi estipulado pela igreja, na forma de um pagamento em dinheiro, no valor mínimo de R\$430,00, pago em uma única parcela com dia e hora marcados.* Na impossibilidade de participar da campanha, vários fiéis devolveram o envelope no qual se colocaria o dinheiro do sacrifício e o pedido a Deus. Nesse momento, duas pessoas, dentre os fiéis, foram incorporadas por supostos espíritos malignos, os obreiros pegaram essas pessoas, levaram-nas até o pastor, que, de forma irônica, começou a entrevistá-las, ou melhor, as entidades que as incorporavam. Perguntado qual o nome das entidades, estas responderam: “*Exu Capa-Preta*” e “*Exu Pinga Fogo*”. Foi o bastante para o pastor alertar as pessoas que não envolveriam na campanha de que, com certeza, um daqueles encostos estaria atuando nas vidas delas, impedindo-as de alcançar a graça divina. Em seguida, vieram as acusações de que aquelas manifestações “*eram fruto dos trabalhos de umbandistas que não aceitavam a vitória individual por meio do Espírito Santo*”.

No jornal *Folha Universal*, também não faltam ataques às entidades umbandistas, há um número constante de pessoas, que, por meio de relatos, afirmam terem sido vítimas de encostos.

*“Participando ativamente da Sessão do Descarrego, todas as terças-feiras, e colocando em prática as informações recebidas dos palestrantes, sempre à luz da Bíblia, o jovem Edson Andrade da Silva descobriu que por trás de todos os seus problemas vividos no passado existia um causador: os chamados encostos (...) Desta forma chegam inúmeras pessoas na Sessão, todavia, quando dão ouvidos a Palavra, encontram a luz no fim do túnel.”*¹⁹

* O pastor afirmava que sacrifício com Deus tem dia e hora marcada, com isto, marcaram o dia 11-07-04, como o dia da salvação, quando as pessoas subiriam o altar e depositariam o envelope com o sacrifício e o pedido na urna que seria levada pelos bispos da igreja ao Monte Sinai em Israel e lá, aclamariam a Deus para que aqueles pedidos fossem atendidos

¹⁹ “*Na Sessão do Descarrego, o mal se sujeita e perde a vez*”. *Folha Universal*. Ed. nº 623, 14-03-04. p. 8A

*“ ‘O Senhor Jesus quer que você pise no diabo e não, o diabo pise em você.’ Com essa afirmação, baseada no capítulo dez do Evangelho de Lucas, o palestrante Bp. Gerson Cardozo deu início a mais uma Sessão do Descarrego, lotada por pessoas ávidas pela libertação dos males espirituais que têm destruído suas vidas (...) O palestrante explicou que muitas vezes a pessoa pisa num lugar que foi utilizado para deixar uma oferenda ao encosto e nem percebe. Porém, quando menos espera, começa a ter problemas em sua vida. Isto porque o mal adentra seu corpo através dos pés e, uma vez instalado, fica escondido, agindo na vida daquela pessoa e para que ele saia, é necessário que esta mesma pessoa, deseje, de todo coração, ser liberta, agindo sua fé e permitindo a ação divina.”*²⁰

Em outras partes do país, como no Rio de Janeiro, os umbandistas contra-atacar as acusações neopentecostais. No jornal *Folha Umbandista e Afro-brasileira*, produzido pela ABRATU (Associação Brasileira de Templos Umbandistas e Afro-brasileiros), vemos uma reportagem, na qual um pastor pentecostal (prestes a se lançar como candidato a vereador) é indiciado pela polícia por crimes como assassinato, roubo de instrumentos musicais de uma igreja e porte ilegal de armas.

*“Waldemar é pastor de uma igreja na Ilha do Governador. Em sua casa, havia vários cheques devolvidos. Mais um escândalo envolvendo o Partido Liberal (PL), do deputado federal Bispo Rodrigues. O pré-candidato a vereador pelo partido, pastor Waldemar Santana França, 45 anos, escapou de ser preso por policiais do RP-Mont (Campo Grande). Ele tinha legenda garantida pelo presidente do PL, deputado estadual Léo Vivas. A polícia chegou à casa do pastor, em Campo Grande, através de denúncia e encontrou um carro roubado, o Fiesta vermelho (placa LOP-6886). Waldemar era procurado, suspeito por ter matado seu advogado, Sérgio Marcondes Carvalho, em outubro do ano passado. Os policiais encontraram no carro um envelope do PL com várias cartas, entre elas, uma do bispo Rodrigues agradecendo a ajuda ao senador Marcelo Crivella nas últimas eleições.(...) Segundo o delegado titular da 35ª DP (Campo Grande), Alberto Leite, o pastor é acusado por outros crimes como roubo de instrumentos musicais de uma igreja evangélica, além de receptação e porte ilegal de arma.”*²¹

O jornal mostra que o pastor (que é da igreja Evangélica Pentecostal da Fé, situada no Rio de Janeiro) tem constante envolvimento com bispos da igreja Universal do Reino de Deus. Se, nos seus periódicos, os neopentecostais atacam os umbandistas de forma “espiritual”, ou seja, ressaltando como suas práticas constituem a causa principal das

²⁰“Sessão do Descarrego: a autoridade de Deus pisando o mal”. *Folha Universal*. Ed. nº 625, 28-03-04. p 8A

²¹ *Folha Umbandista e Afro-Brasileira*. Ed. nº 22, abril de 2004.

aflições pessoais, os umbandistas contra-atacam revelando a participação de lideranças evangélicas em crimes e contravenções. Durante a pesquisa, percebemos que, em Uberlândia, os umbandistas ainda não contam com um órgão, ou federação, capaz de representar politicamente os interesses da comunidade religiosa.

Mãe Irene afirma a necessidade das casas de umbanda e candomblé tomarem uma atitude rápida em relação a esse ataque. Ela afirma que vários umbandistas adotam atitudes que permitem o ataque, como, por exemplo: colocar oferendas em encruzilhadas dentro das cidades, em vez de procurarem uma mata ou cachoeira. Apesar de haver lei que permita a eles fazerem este tipo de rito*, eles não a procuram, o que faz com que os evangélicos assumam a dianteira nessa luta, fazendo essas sérias acusações. O fato de a umbanda perder vários adeptos, pode estar relacionado a falhas dentro das casas de santo, onde as pessoas, por algum motivo, sentem-se ofendidas e vão procurar outra religião, a qual, na maior parte dos casos, é a evangélica, segundo a mãe-de-santo.

*“Participando de uma reunião, eu disse: vamos unir, vamos atrás, vamos atrás dos nossos direitos, esse povo não pode estar fazendo isto com a gente. Mas é que as pessoas preferem ficar cada um em sua casa e deixar do jeito que está. Enquanto eu não encontrar umas pessoas que façam uma corrente firme para irmos atrás, ou esperar acontecer uma coisa mais grave para tomar uma atitude, acho que vai continuar dessa mesma forma. Nos outros terreiros ficam cada um na sua casinha achando ruim quando aparece na televisão alguma coisa que está nos atacando e por fora todo mundo fala. Ai eu falei, gente vamos juntar uma comissão de umas quatro ou cinco pessoas e vamos lá na televisão, porque é lá o veículo de maior fonte para eles nos estar atacando, vamos lá para darmos pelo ao menos um respaldo, falar que a gente não faz parte daquilo, que nosso trabalho é um trabalho serio produtivo e que é em prol da sociedade, da humanidade. Mas fica todo mundo quieto. Outro dia estava pensando em ir sozinha, porque eu não tenho medo, pois se você não deve você não teme. Até pouco tempo nos vimos um panfletinho, falando se você tem amuletos, patuás, guias venha participar de sessão do desencapetamento, é uma coisa absurda, quer dizer que através daquelas coisas eles vão desencapetar as pessoas? É uma agressão muito forte.”*²²

Mãe Irene demonstra aqui a consciência de seu papel na condição de liderança social, ao enfatizar a importância de montar um bloco e buscar soluções para frear as

* A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 5º, inciso VI, garante a “liberdade de consciência e crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias”.

²² MARIA IRENE ARANTES. Entrevista, 10-07-04.

acusações neopentecostais, porém os representantes das casas umbandistas mostram-se alheios a tais acusações, pelo que pôde ser constatado, não existe a organização de um movimento no âmbito local que contra-ataque as críticas, ou que se utilize de um respaldo legal para se defender. De acordo com Rogério Luiz Rodrigues (Pai Rogério de Nanã), os líderes e representantes de terreiros na cidade, preferem se conformar a situação a partir para a luta.

“Se nós pessoas que cultuam orixás não tiver uma consciência e tentar levar a religião de uma maneira mais consciente, porque, a nossa religião também sofre muito com o nosso povo. O nosso povo também dá outro prisma, dá outro caminho para a religião, que compromete até a idoneidade da religião. Eu faço a minha parte, eu sei o que eu quero, eu não busco da religião, aquilo que não tem para buscar da religião, eles dizem a terreiro faz, fica, mata, faz nascer, faz separar, faz juntar, então assim, na minha casa eu não aceito isso, porque isso é coisa de cultura, mas uma cultura assim, rudimentar de povo, não é uma cultura que tem haver com o mito com o rito. É onde dá essa anuência e compromete a religião. O nosso povo é um povo acomodado, porque eu não aceitaria, eu não concordo com a maneira, de como a religião é menosprezada na televisão pelo evangélico, na minha porta eu não aceito, não aceito mesmo.”²³

Ao ser indagado sobre a forma como os umbandistas aceitam as críticas está ligada à herança de perseguições que a religião experimentou desde sua formação, Pai Rogério nos fez o seguinte relato:

“Acho que deve, porque isso é histórico, isso aí vem na própria constituição da religião, você entendeu. A religião já nasceu com aquele preconceito e ela persistiu porque ela venceu tudo aquilo. É uma coisa histórica essa questão da perseguição e acredito que essa perseguição vai longe, porque parece que é da natureza do nosso povo, sabe.”²⁴

Mais uma vez, podemos resgatar Chauí para refletir sobre essa questão. Os umbandistas, ao “aceitarem” as críticas e oposições de grupos sociais com maior expressão política-social, aceitam um combate no qual tentam provar que não se encontram dentro dos esteriótipos lançados sobre eles. Segundo Chauí, tal aceitação e combate são partes constitutivas da própria formação do universo umbandista, “é um critério utilizado

²³ ROGERIO LUIZ RODRIGUES. Entrevista, 16-07-04.

²⁴ Ibid.

*internamente para classificar múltiplos movimentos de concorrência entre os diferentes grupos na luta por melhores posições no campo religioso”.*²⁵

As falas descritas acima, de Mãe Irene e Pai Rogério, encaixam-se no que foi discutido anteriormente sobre a consciência de ambos em relação ao seu papel enquanto agentes históricos. Durante toda a entrevista na fala da Mãe-de-Santo, houve uma preocupação em não deixar “brechas” que levem a uma interpretação negativa, que desmoralize a religião, assim como já foi apresentado, é um discurso que, ao mesmo tempo, “condiciona” a forma de como a pessoa irá pensar a religião e demonstra a necessidade de luta, da importância dos umbandistas em reagir sobre os neopentecostais.

Já em Pai Rogério, percebemos um discurso que caminha em outra direção, mas que também apresenta o grau de consciência que o nosso entrevistado tem sobre a realidade religiosa que o cerca. Ele não esconde as atitudes que fazem com que a religião se “desmoralize” perante a sociedade e sabe que é nessas ações que os neopentecostais se debruçam para atacar. Se Mãe Irene assume seu papel de liderança e insiste na organização de um movimento que faça frente aos neopentecostais, Pai Rogério reconhece que a repressão histórica, por parte de grupos sociais, foi e continuará sendo um desafio para a religião. Então, é preciso que os umbandistas conduzam-na de uma forma a “*não comprometerem sua idoneidade*”, pois, segundo ele, está também nessa questão, uma das formas de luta contra os neopentecostais, ou seja, não oferecer por meio de gestos e atitudes, subsídios que lhes permitam atacar e difamar.

A realidade do “confronto” entre umbandistas e neopentecostais em Uberlândia segue uma dinâmica em que, talvez, a força econômica e o prestígio social sejam questões que pesam na hora do embate. Os neopentecostais contam com todo um complexo aparato de mídia (rádio, televisão, periódicos), o qual lhes permite invadir qualquer residência em qualquer lugar do país, o que parece deixar os umbandistas descrentes na tentativa de uma ofensiva em que possam, ao menos, se defender das afirmações que ligam seus trabalhos a práticas diabólicas. Como disse Mãe Irene, a preferência dos umbandistas em se manterem quietos dentro de suas casas encaixa-se nessa questão de representarem o “lado mais fraco da corda”, ou seja, se eles não contam com nenhum tipo de recurso próprio, que lhes possibilita elaborar um jornal ou programa de rádio e TV aqui na cidade, não há como levar

²⁵ CHAUI. Op. cit. p. 130.

diretamente à sociedade uma resposta às acusações que são feitas. A acomodação que Mãe Irene e Pai Rogério citam, pode estar ligada a essa questão de presença social, os neopentecostais estão cada dia mais atuantes em todos os lugares da cidade, seus templos estão localizados nas principais vias de acesso dos bairros e do centro de Uberlândia, as próprias sedes das igrejas são edificações que representam seu poderio econômico (como podemos observar na edificação do templo maior da Universal, na avenida João Naves de Ávila, 261). Já os terreiros umbandistas localizam-se em espaços mais discretos e, em sua grande maioria, estão nos fundos dos terrenos e não há uma identificação clara desses lugares por quem passa pela rua, pois não possuem fachadas nem placas indicando ali a sua presença. Essa falta de um contato mais intenso com a sociedade e a incapacidade de presença maciça na mídia parecem deixar os umbandistas com uma sensação de desânimo diante do poder dos neopentecostais, inclusive ao vermos Mãe Irene dizer que ficam todos quietos e lamentado em suas casas, quando aparece algo que os ofendam na TV, que é o principal meio de comunicação social, já ocupado pelos neopentecostais e distante dos umbandistas.

Outro fator que podemos identificar, nessa possível acomodação umbandista, recai sobre o que Pai Rogério fala em relação aos outros caminhos que os próprios umbandistas dão à religião – questão que Mãe Irene já havia nos exposto anteriormente. A discussão sobre quem faz certo ou errado, quem trabalha dentro dos parâmetros (se é que existe algum dentro de qualquer religião) sacerdotais do culto ou não trabalha, não é função nossa estar questionando aqui. O fato é que, analisando a fala do nosso entrevistado, parece que alguns membros da comunidade umbandista não se importam com os valores ou com a moral da religião no seio social. Se tal preocupação não atinge esses indivíduos, se eles não se preocupam com as concepções que a sociedade irá ter em relação ao culto, não haverá, então, pessoas interessadas em ir a campo “enfrentar” evangélicos ou lutar por alguma medida a favor da religião. A acomodação citada passa a ter outro sentido, pois são pessoas que preferem celebrar suas divindades dentro de seus próprios critérios, não se incomodando com os desdobramentos que possam surgir destas ações.

Porém, no seio da comunidade umbandista há pessoas que se preocupam e que, de certa forma, vão à luta contra as ofensas neopentecostais como no caso da Sra. Betina

Peres, que, ao perceber um desses ataques evangélicos pelo rádio, procurou por meios próprios enfrentar diretamente os autores das ofensas.

*“Nossa meu filho o que mais a gente vê é isso. Esse evangélicos aí, falam é de todo mundo não é só da gente não, até parece que os cultos deles não é nem para falar de deus, é para falar dos outros. E é até estranho, porque eles ficam naquela gritaria onde você mais ouve é o nome de satanás. É um tal de sai satanás, o demônio está nos cercando, que eu nunca vi em lugar nenhum falar tanto esse nome. Eles falam muito mesmo de nós, teve um dia que eu tava ouvindo uma rádio, era umas seis e meia da manhã antes de eu ir trabalhar. Ai o homem que tava falando lá, disse umas coisa absurda sobre pai-de-santo. Ele disse que pai-de-santo não é pai de santo nada, é pai do demônio, que esse povo vive na miséria e com a vida toda desarrumada porque vive cercado de caboclo, de demônio, de pomba-gira. E depois que ele falou esses absurdos, ele falou: venha rezar conosco e falou o endereço da igreja. Eu vi então que era aquela ali na Floriano, Graça de Deus, Graça de não sei o que e essa igreja era perto de onde eu trabalhava. Então fui trabalhar pensando com aquelas coisas na cabeça, pensando como uma pessoa poderia falar aquilo no rádio. Aí como eu passava todo dia lá na porta, na hora que eu saí do serviço eu passei e tinha um rapazinho, novinho, todo de gravata lá na porta. Eu pensei, eu vou lá perguntar porque eles falam aquelas coisas no rádio. Quando eu chaguei, ele muito educado me cumprimentou daí eu perguntei se ele tinha um tempinho para mim, ele disse: tenho. E já me chamou para sentar. Eu falei: escuta vocês tem um programa de rádio de manhã? Ele respondeu que tinha. Eu fui falando porque que eles diziam aquelas coisas sobre pai-de-santo, se eles não se preocupam em ofender as pessoas com aquilo. Ele pegou e quis me dar um sermão, vim falar daquelas coisas atoa deles. Peguei e já falei que se eles falassem aquilo de novo eu ia chamar a polícia, porque eu era umbandista e eles têm de respeitar. E engraçado que quando eu passava lá na porta eu via eles cantando umas músicas tão bonitas que dava vontade de até sentar para ouvir, mas depois desse dia, nem na porta eu passava mais.”*²⁶

O programa de rádio citado pela nossa entrevistada era um programa da igreja Internacional da Graça de Deus na rádio Mania FM, exibido diariamente logo no alvorecer do dia. Percebemos uma outra postura aqui de uma questão de que Mãe Irene e Pai Rogério levantaram anteriormente, a acomodação. Dentro do movimento umbandista, há pessoas interessadas em lutar diretamente pelo fim da veiculação pública de questões que ferem a moral da sua religião, porém são ações que não demonstram uma consciência de luta, pautada numa organização social e que tenha, possivelmente, algum resultado prático. A atitude que teve a Sra. Betina, em ir até a igreja buscar explicações e tentar encontrar formas de evitar que tais acontecimentos voltassem a ocorrer, mostra que há pessoas

²⁶ BETINA L. PERES. Entrevista, 29-09-04.

sentindo-se prejudicadas e bastante ofendidas com o que é publicado a seu respeito pelos neopentecostais, deixando claro que falta, entre os umbandistas, um elo de intercomunicação, que lhes permita se reunir e estudar formas de atuar na sociedade, ou no poder público, contra o que é veiculado a seu respeito.

Outra questão reside nos momentos em que a fala da entrevistada recai sobre a ligação que esses evangélicos tem com a expressão satanás e a preocupação em atacar outros segmentos religiosos. A todo momento, pastores e bispos neopentecostais, durante os cultos, reafirmam o papel sagrado da sua igreja na pregação da palavra divina, como forma de um possível contra-ataque, ela afirma a presença constante da expressão citada acima, fazendo um questionamento a que tipo de palavra divina é essa tão ausente nas celebrações e que dão lugar a uma expressão complementemente oposta a algo sagrado. A predileção, que ela também cita, no fato de os neopentecostais se preocuparem em atacar as outras religiões, faz-nos ver, mais claramente que, nesse cenário, acusações partem de ambos os lados, o que fica mais explícito quando, novamente, a Sra. Betina foi questionada sobre uma possível reação contra o que é veiculado sobre eles.

“É tem que reagir mas é difícil. Só para você ver, aquela igreja do Edir Macedo, eles ficam dando uns jornalzinho aí na rua, que direto mostra gente que tava na miséria, cheia de doença, porque tinha um espírito ou um caboclo na vida dela. Agora olha para você vê, se a pessoa está na miséria é porque não tem emprego e pelo que eu sei caboclo não baixa em qualquer um e nem provoca doença nenhuma. Eles falam que tiraram essas coisas do corpo da pessoa e ela ficou curada e passou a ganhar dinheiro. Nessa igreja é mais fácil ela ficar mais pobre ainda, porque eles só sabem pedir dinheiro. Então você vê, eles tem jornal, tem o rádio, a televisão, tudo para falar de nós. E nós não temos nada, então seria bom se a gente pelo ao menos pudesse ter um programa de rádio para nosso povo, para falar das nossas idéias e poder até mesmo desmentir essa gente, ou quem sabe também colocar os podres deles para todos ver.”²⁷

As afirmações sobre o fato de a igreja Universal – a qual ela cita acima como do bispo Edir Macedo – cobrar altos valores financeiros de seus fiéis (atitude que também é adotada pela maioria das igrejas evangélicas de todos os ramos) é o principal ponto, que qualquer tipo de crítica focaliza em relação às ações adotadas por essa igreja. A igreja Universal coloca o dízimo, que é uma contribuição voluntária, para seus fiéis como uma questão incondicional, assim como a fê que eles devam ter no Senhor, ou seja, algo vital

²⁷ Ibid.

e inquestionável. Durante sua história, a igreja Universal conseguiu formar um patrimônio financeiro surpreendente, o qual, grande parte, se originou da contribuição de seus fiéis espalhados por todo o mundo. Caminho semelhante, porém sem as mesmas proporções, seguiu a igreja Internacional da Graça. O fato dessas igrejas terem uma ligação intensa com questões financeiras provoca vários questionamentos em relação à sacralidade imposta por eles ao dinheiro, pois, até que nível pode ir a exploração financeira sobre pessoas pobres, partindo de uma instituição religiosa?

Numa situação de diversidade religiosa, a concorrência entre os ramos religiosos para captar e manter fiéis é acirrada. Segundo o que Chartier discute em relação a práticas, que buscam o reconhecimento de uma “identidade social”, como uma forma específica de se inserir no meio social, vimos como essas religiões procuram imprimir seus símbolos e marcas distintivas nos fiéis, para que sejam identificados e reconhecidos por pertencer a ela. Isto leva as denominações religiosas a adotar, segundo suas concepções, atitudes que, muitas vezes, ferem o sentimento religioso alheio, promovendo disputas teológicas que se dão em todos os campos da vida material e espiritual dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou ilustrar que, por detrás da “batalha” que envolve neopentecostais e umbandistas, encontramos uma série de questões desenvolvidas historicamente dentro de cada religião, que fazem com que tal relação tenha um caráter ambíguo: como duas correntes religiosas, vistas como dois pólos opostos, possuem, ao mesmo tempo, objetivos e elementos ritualísticos tão próximos. A religião evangélica, aqui na pesquisa, representada pelo movimento neopentecostal, instalou-se no Brasil em um momento em que país passava por uma transição no seu sistema político-econômico, saía de cena a aristocracia latifundiária com seu sistema de produção agrícola, para dar lugar a uma emergente burguesia industrial, que vinha se consolidando nos centros urbanos em franco processo de crescimento. Este foi o mesmo cenário encontrado pela umbanda durante seu surgimento. As perseguições exercidas pela Igreja Católica (aos pentecostais) e pelo Estado (aos umbandistas) não possibilitaram a essas religiões uma aceitação social imediata e legítima, isso fez com que os estratos mais pobres da sociedade, desiludidos com o catolicismo, se tornassem a base humana que essas religiões tiveram para se estruturarem.

É notório que ambas religiões possuem doutrinas sacerdotais distintas, então fica evidente que as condições histórico-sociais impostas a elas fizeram-nas caminhar em um mesmo sentido, ou seja, atender as necessidades de um mesmo segmento social, com os mesmos tipos aflições e problemas espirituais. Embrenhadas numa verdadeira disputa “mercadológica”, essas religiões colocam seus “produtos” de forma bem acessível, procurando, ao mesmo tempo, desqualificar a “concorrência”. Se a disputa no mercado material é regida por normas e procedimentos legais, no mercado espiritual não há regras que atribuam à disputa um caráter moral e ético, pois o marketing de cada religião estará ligado ao combate do inimigo.

Buscar uma dessas duas religiões tornou-se uma procura de socorro mágico e religiosos, visto que, o fato de ambas terem a estrita ligação de magia e religião, foram se agregando a elas crenças (como, por exemplo, sobre o poder da cura) e práticas não

racionais de todo tipo; foram constituindo-se vários métodos espirituais de intervenção na vida terrena, de solução para todas as aflições, pelos quais todas as pessoas têm direito ao acesso livre mediante a compra do serviço específico (oferendas e participação em campanhas de libertação) ou pela adesão religiosa. Umbanda e neopentecostalismo são religiões em que se paga, o que parece ser um contra-senso é que elas ainda se desenvolvem entre os setores mais pobres da sociedade, que não possuem nada, que enfrentam as maiores dificuldades de sobrevivência e que pouco têm para seu sustento vai para o pagamento de uma coisa que se pode ter de graça (ou não, dentro do que foi analisado), ou seja, a religião.

A pesquisa mostrou que, em Uberlândia, essa semelhança entre ritos e símbolos se esboça de forma bem explícita. Da mesma forma que o indivíduo é benzido (ou banhado) com arruda num terreiro umbandista, ele será também numa igreja neopentecostal. Porém, no caso que envolve a “guerra santa” entre elas, vemos os neopentecostais numa dianteira, pois suas declarações obtêm impacto muito maior na sociedade, do que as desencadeadas por um umbandista. O fato de os neopentecostais contarem, na cidade, com canais de rádio e televisão exclusivos e periódicos, que são distribuídos gratuitamente por toda cidade, os coloca em uma posição privilegiada em relação aos umbandistas, que contam apenas com o “boca-a-boca” de seus membros. Nessa batalha, eles invadem com muita facilidade os lares da cidade e difundem seus ideais e críticas a outras religiões; os umbandistas, até o momento, tentam apenas reprimir, desorganizada e isoladamente, e conter as declarações neopentecostais que ferem seus princípios.

Todo esse conflito que circunscreve a relação desses segmentos é o reflexo da disputa por mais espaço no mercado mágico espiritual que se tornou a realidade religiosa, não só de Uberlândia, mas também brasileira. E uma das formas que elas encontraram em expor suas virtudes foi difamando as práticas da outra. No mercado material, é possível convencer um cliente pelas qualidades que o produto oferece, nesse mercado mágico-espiritual, o convencimento se dá na diabolização do que o concorrente oferece. Neste sentido, podemos perceber como Antonio F. Pierucci e Reginaldo Prandi determinam as religiões como “*serviço que se consome ou não*”, elas são levadas agora a concorrerem com uma quantidade crescente de novos serviços, ilustrando agora que não representam mais algo único, gratuito, nem coercitivo posto que em razão de a pessoa ter que pagar por

tudo isso, a “desobriga” de manter vínculos eternos com a religião. Mesmo que a denominação religiosa faça de tudo para ser a única convertendo todas as pessoas, já que cada uma acredita ser a detentora das verdades únicas, parece-nos que uma depende da existência da outra.

FONTES ARROLADAS

PUBLICAÇÕES NEOPENTECOSTAIS

- SOARES, R. R.. Espiritismo: a magia do engano. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1984.
- MACEDO, Edir. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2000.
- MACEDO, Edir. Nos Passos de Jesus. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2004.
- MADURO, Renato. Batalha Nossa. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997.
- JORNAL FOLHA UNIVERSAL.

PUBLICAÇÕES UMBANDISTAS

- JORNAL FOLHA UMBANDISTA e AFRO-BRASILEIRA.

PROGRAMAS DE TV

- *SHOW DA FÉ*, exibido diariamente pela Rede Bandeirantes de TV, a nível nacional, às 20:30 hs, apresentado pelo Missionário R. R. Soares atual líder e fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, 25-03-04.

FONTES ORAIS

- MARIA IRENE ARANTES. Entrevista realizada no dia 10 de julho de 2004. Mãe Irene, como é conhecida nossa entrevistada, é a zeladora da Tenda Coração de

Jesus. Representa uma das principais lideranças do movimento umbandista em Uberlândia.

- BETINA L. PERES, 33 anos. Entrevista realizada no dia 29 de setembro de 2004. A Sr. Betina é umbandista a aproximadamente 15 anos, seguindo os passos da família, freqüentava um centro espírita situado no bairro Santa Mônica, começou a participar dos cultos umbandistas aos 18 anos a convite de uma amiga.
- ROGERIO LUIZ RODRIGUES. Entrevista realizada no dia 16 de julho de 2004. Pai Rogério é o zelador da Tenda Pai Cambinda Caboclo Cobra Coral. Nosso entrevistado é “filho-de-santo” de Mãe Irene, formou-se pai-de-santo na Tenda Coração de Jesus.
- LIGIA APARECIDA NUNES RODRIGUES. 38 anos. Entrevista realizada no dia 15 de novembro de 2004. Ela se diz umbandista desde, aproximadamente, os 18 anos. Foi influenciada a ir a um terreiro através de uma tia, já falecida, depois de um problema sentimental.

BIBLIOGRAFIA

- BERKEMBROCK, Volney J.. *A Experiência dos Orixás*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BOISSET, Jean. *História do Pentecostalismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- CAMPOS JR, Luis de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995.
- CESAR, Valdo. *O Mundo Pentecostal Brasileiro*. In: CADERNOS ADENAUER nº 9. Fé, Vida e Participação. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DANDARA e LIGEIRO, Zeca. *Iniciação a Umbanda*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.
- DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e Abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1998.
- GAARDE, J., HELLERN, V. e NOTAKER, H.. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GWERCAMAN, Sérgio. *Evangélicos*. Revista Super Interessante. Edição nº 197 – 02/2004.
- JARDILINO, José R. Lima. *Sindicato dos Mágicos: um Estudo de Caso da Eclesiologia Neopentecostal*. São Paulo: CEPE, 1993.
- MAGNANI, Jose G. Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Moderna, 1986.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola: 2000.
- MOURA, Clovis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo: a Velha Magia na Metrópole Nova*. São Paulo: Hucitec, 1990.

PRANDI, Reginaldo. *Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, Branqueamento e Africanização*. In: CAROSO, C. e BACELAR, J. Faces da Tradição Afro-Brasileira. Rio de Janeiro: PALLAS, 1999.

PIERUCCI, A. F. e PRANDI, R. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como Gênero*. In: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Graduated em História do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, 2001.

ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairos, 1979.

SILVA, Wagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira*. São Paulo: Ática, 2000.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operaria Inglesa: a Maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs) Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

VOLDMAN, Daniele. *Definições e Usos*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J.(org). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1981.